



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CURSO DE LETRAS**

**A EDUCAÇÃO COMO FATOR DE PROMOÇÃO HUMANA E INCLUSÃO SOCIAL
A PARTIR DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA**

MOISÉS FEIJÓ RODRIGUES

**BAGÉ
2013**

MOISÉS FEIJÓ RODRIGUES

**A EDUCAÇÃO COMO FATOR DE PROMOÇÃO HUMANA E INCLUSÃO SOCIAL
A PARTIR DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado para obtenção de grau de licenciado em Letras e Literatura de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pampa (Unipampa), Campus Bagé.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Gilnara da Costa Corrêa Oliveira

Coorientadora: Prof^ª. Ms. Rubya Mara Munhóz de Andrade

**BAGÉ
2013**

MOISÉS FEIJÓ RODRIGUES

**A EDUCAÇÃO COMO FATOR DE PROMOÇÃO HUMANA E INCLUSÃO SOCIAL A
PARTIR DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado para
obtenção de grau de licenciado em Letras e
Respectivas Literaturas pela Universidade Federal do
Pampa, Campus Bagé.

Área de concentração: Educação

Defesa e aprovação em: 09 de Maio de 2013.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Gilnara da Costa Corrêa Oliveira
Orientadora
(UNIPAMPA)

Profa. Ms. Maria Eloá Gehlen
(UNIPAMPA)

Profa. Dra. Claudete da Silva Lima Martins
(UNIPAMPA)

Dedico este trabalho para os que lutam por uma educação de qualidade e para todos, visando uma sociedade mais justa, solidária e livre de qualquer tipo de discriminação e preconceito.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus que está sempre ao nosso lado todos os momentos.

A Prof^a. Dr^a. Gilnara da Costa Corrêa Oliveira, pela orientação e pelo apoio para que eu realizasse este trabalho.

A Prof^a. Ms. Rubya Mara Munhóz de Andrade, coorientadora, pelo apoio, amizade, indicações de materiais e leituras.

Aos professores da banca examinadora, Maria Eloá Gehlen e Claudete da Silva Lima Martins, pelas sugestões, correções e aprendizado proporcionado.

A todos os professores do curso de Letras, minha gratidão pela forma de conduzir o curso em todas as etapas.

Aos meus pais, colegas do curso pelo convívio e pelos momentos de amizade e em especial a minha namorada Lisiane Barreto Lima, pelo carinho e por estar ao meu lado.

RESUMO

Este estudo tem por finalidade analisar a educação como fator de promoção humana e inclusão social por meio da aprendizagem significativa. A investigação ocorreu em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental, cidade de Bagé, RS. A pesquisa baseou-se em um estudo de caso, utilizando como instrumento a análise de alguns documentos, Projeto Político Pedagógico, resultados finais dos índices de aprovação, repetência e evasão escolar, entrevistas com docentes, utilizando como fundamentação teórica para esta análise os Parâmetros Curriculares Nacionais, autores que abordam a questão da educação, aprendizagem significativa e inclusão. Permitindo concluir que é fundamental a instituição investir mais em uma educação que parta da realidade do aluno, construção de conhecimentos e conceitos, cursos de aperfeiçoamentos ou formação continuada para docentes, principalmente para lidar com a inclusão, tutores para acompanhar alunos especiais. Devemos nos empenhar por um ensino de qualidade e mais significativo para o aluno, com igualdade de oportunidades para todas as pessoas.

Palavras-chave: Educação. Aprendizagem. Inclusão.

ABSTRACT

This study aims to analyze the education as a factor in human development and social inclusion by means of meaningful learning. The investigation occurred in a Municipal School of Basic Education, city of Bagé, RS. The research was based on a case study, using as an instrument the analysis of some documents, Political Pedagogical Project, final results of pass rates, grade repetition and dropout, interviews with teachers, using as theoretical basis for this analysis the Curriculum national authors who address the issue of education, meaningful learning and inclusion. Allowing to conclude that the institution is critical to invest more in education that starts from the reality of student construction of knowledge and concepts, improvements courses or continuing education for teachers, especially for dealing with inclusion, special tutors to monitor students. We must engage for quality education and more meaningful to the student, with equal opportunities for all people.

Key words: Education. Learning. Inclusion.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO	12
3 CAMINHOS PERCORRIDOS PARA A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO	37
4 REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO	39
4.1 Inclusão na escola	39
4.2 Aprendizagem	44
4.3 Formação e relação dos professores entre si (ensino)	51
4.4 Repasses de recursos à escola e a participação desta em eventos culturais	52
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
6 REFERÊNCIAS	56
7 ANEXOS	59

A EDUCAÇÃO COMO FATOR DE PROMOÇÃO HUMANA E INCLUSÃO SOCIAL A PARTIR DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa abrange estudo e análise com base teórica sobre a realidade educacional apresentada, tendo como finalidade verificar os processos de ensino aprendizagem e inclusão. Para isso, escolhi uma das escolas públicas municipais que trabalha com alunos inclusos e que pertence a uma comunidade da periferia de Bagé, escola que já tinha contato por ter realizado estágio curricular obrigatório na disciplina de Estágio em Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas II, da Universidade Federal do Pampa (Unipampa). O referido estágio proporcionou conhecimento teórico e prático, sendo mais aprofundado neste trabalho.

Com base nas pesquisas de órgãos como Organização das Nações Unidas (ONU), Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), dentre outros, que apontam o Brasil entre os países com os mais baixos índices de desenvolvimento humano e educacional, passei a averiguar mais de perto essa realidade local. A instituição que escolhi para o desenvolvimento de minha pesquisa, Escola Municipal de Ensino Fundamental¹, Bagé, Rio Grande do Sul, oferece um ensino fundamental de 9 anos, Educação Infantil e EJA. Turnos da manhã e tarde. O quadro funcional composto de 20 professores, 378 alunos, 05 funcionários, incluindo a diretora, supervisora e secretário. A característica do prédio é alvenaria, contém 8 salas de aulas, 10 sanitários, 01 sala de professores, 01 sala da direção, 01 da secretaria, 02 dependências e refeitório, 01 sala de biblioteca, além do pátio, não há quadra esportiva.

Procura oferecer uma educação cidadã e democrática e tem como objetivos atingir expectativas numa sociedade crítica, moderna e vigente em tecnologia, resgatar a presença da família, da comunidade tentando um maior envolvimento e participação de todos. Luta contra a violência, inculcando valores morais, com o apoio da família. Almeja uma escola equipada, com profissionais valorizados e preparados para educar e que lhes sejam assegurados de forma gratuita e dinâmica. Quer formar cidadãos mais justos e democráticos.

Consta em suas normas, a preocupação em obter recursos audiovisuais variados e acessíveis à clientela e ainda promover oficinas no turno inverso com a participação dos pais

¹ Decidimos preservar a identidade da instituição por ser um direito legal.

dos alunos e que estes ajudem com atividades prazerosas durante o recreio.

Tenta valorizar o processo de inclusão com o apoio de profissionais especializados para que alunos com necessidades educacionais especiais, não fiquem em sala de aula como excluídos em pequeno grupo. Sua meta é valorizar as diferenças, pois muitas vezes a inclusão é direcionada apenas para alunos especiais, quando na verdade pode haver muitos a serem incluídos, como pobres, de outras raças, homossexuais, os que possuem dificuldades de aprendizagem, problemas de conduta e muitos outros casos.

Baseia-se na concepção “Escola não é mais o lugar onde uma geração passa para outra um acervo de conhecimentos. Ela agora tem outro papel: é o espaço onde as relações humanas são moldadas. Deve ser o espaço usado para aprimorar valores e atitudes, além de capacitar o indivíduo na busca de informações onde quer que elas estejam para usá-las no seu cotidiano”. (Projeto Político Pedagógico da Escola).

Opta por uma avaliação não julgadora da pessoa e sim como um juízo de qualidade para a tomada de decisão, que leve o aluno, o professor, a família e a equipe diretiva a refletirem sobre seu trabalho, avaliando para ajudar o aluno a aprender mais e melhor. Adota uma avaliação somativa, com trabalho, teste e prova ao longo do bimestre. Sendo que, os estudos adicionais são somados e divididos com a média do bimestre prevalecendo a maior. Para os alunos da pré-escola ao 2º ano, a avaliação é feita por pareceres descritivos.

Aos alunos com necessidades educacionais especiais a avaliação é diferenciada com pareceres e por processo de adaptação curricular. A escola apresenta 14 alunos com deficiências e que necessitam de uma educação especial. Alunos com deficiência mental, problemas de visão, hiperatividade, dentre outras. Recebem apoio de profissionais da APAE, Centro Matilde Fayad e Caminho da Luz, além de alguns fazerem tratamento em Porto Alegre. Estas informações foram coletadas mediante entrevista com a professora responsável pela educação especial da escola e registradas pelo pesquisador. As outras informações coletadas foram mediante uma conversa informal com a supervisora e consulta do Projeto Político Pedagógico da instituição.

Partindo de uma análise dos documentos da escola e utilizando como instrumento para coleta de dados a entrevista com professores, obtive uma visão mais detalhada a respeito da qualidade do ensino que está sendo oferecido e dentro dessas possibilidades, propor sugestões, caso necessário, para uma educação mais abrangente de promoção humana e inclusão social e que leve em conta uma aprendizagem significativa. Para minha preparação,

utilizei vários autores como embasamento teórico.

Sabe-se que a educação atual deve estar voltada para o processo de inclusão social, recebendo estudantes de todas as classes sociais, raças, credos religiosos, alunos com necessidades especiais, primando por uma educação de qualidade, receptiva, que proporcione igualdade, fraternidade e direitos iguais a todos os educandos, livre de discriminações. Um aprendizado que possibilite ser útil para a vivência e convivência dos aprendizes no dia a dia de suas necessidades, trabalho, tarefas, assuntos de seus interesses e tornando esse ensino mais produtivo e significativo para todos. O tema escolhido e que norteia nosso trabalho: *A EDUCAÇÃO COMO FATOR DE PROMOÇÃO HUMANA E INCLUSÃO SOCIAL A PARTIR DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA*, vai abordar justamente essas questões, de como as instituições estão preparadas para receber nossos estudantes, sabendo que todos têm direito à educação de qualidade e que é garantida pela Constituição Federal (Brasil, 1988), art. 205, que declara: “A educação é direito de todos” e que se faz compreender que todos sem exceção devem ser contemplados, valorizando as diferenças, aprendendo com elas, desenvolvendo competências e habilidades dos educandos, preparando-os também para a vida.

Procurei com a referida pesquisa responder questões como:

- A educação está sendo um fator de promoção humana a partir da aprendizagem significativa?
- A escola por meio de suas práticas educativas é o local adequado para promover a inclusão social a partir dessa aprendizagem?

Questões que serão mais explanadas e melhor esclarecidas no decorrer desta pesquisa, tentando buscar respostas que nos ajudarão a refletir sobre a educação e apontar possíveis caminhos para alcançarmos um ensino aprendizagem de qualidade.

Este trabalho justifica-se por constituir um papel relevante para a sociedade como um todo, pois tem o intuito de incentivar outros pesquisadores e estudiosos da educação a uma problematização com relação aos limites e possibilidades que uma instituição de ensino tem no desenvolvimento e planejamento de práticas pedagógicas que favoreçam uma aprendizagem significativa.

O presente documento abrange além de considerações introdutórias sobre o desenvolvimento desta pesquisa, reúne também outras seções subdivididas em capítulos. No Capítulo I considero as perspectivas teóricas o que denominei *CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO*. No próximo capítulo apresentam-se os *CAMINHOS PERCORRIDOS PARA A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO*, por meio da metodologia utilizada.

Finalmente, no capítulo quatro do trabalho as *REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO*, onde discuti os dados encontrados por meio das entrevistas com os professores da Escola Municipal de Ensino Fundamental (escola pesquisada) e as Considerações Finais.

Nas considerações finais, apresento os resultados alcançados e sugestões possíveis para atingir-se uma educação de qualidade e inclusiva.

2 CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

A escola deve ser um ambiente de interação entre professores e alunos, levando em conta os saberes, o conhecimento que o aluno traz de casa, suas vivências e realidade. Preparar o mesmo para a vida, um sujeito capaz de se questionar, refletir sobre realidades e tomar decisões coerentes. Deve ser um espaço alegre e feliz que desenvolva afetividade, respeito às diferenças, sem preconceitos e dando liberdade para construir aprendizagens (ALVES, 2003).

Em uma sociedade que apresenta vários problemas emocionais, crianças deprimidas, jovens aderindo ao uso de drogas, que levam a gravíssimos problemas familiares, pessoais e sociais. Professores desvalorizados com baixos salários, má formação, pouca autoestima, não contribuem para uma educação de qualidade e transformadora da realidade. É necessário termos profissionais bem preparados e valorizados que possam formar sujeitos inteligentes, críticos e construtivos na nossa sociedade, bem como ressalta Cury “Um excelente educador não é um ser humano perfeito, mas alguém que tem a seriedade para se esvaziar e sensibilidade para aprender” (CURY, 2003, p.11).

Isso nos mostra que além de uma boa preparação, esse profissional deve estar disposto também a aprender com os outros, com seus alunos. Sendo um mediador e construtor de conhecimentos e como diz o autor acima citado: “Bons professores ensinam seus alunos a explorar o mundo em que estão, do imenso espaço ao pequeno átomo. Professores fascinantes ensinam os alunos a explorar o mundo que são seu próprio ser. Sua educação segue as notas da emoção” (CURY, 2003, p. 49).

É fundamental que todos os educadores proporcionem um ensino que transcenda, que leve os educandos a pensar, refletir sobre suas realidades e vivências. A escola é sem dúvida alguma, um lugar de aprendizado, tanto para os alunos como para o professor. Todos aprendem juntos, constroem conhecimentos, diferentemente de um “ensino bancário”, onde o educando se torna um receptor de conhecimento e que não lhe é dada a oportunidade de pensar e refletir sobre o assunto abordado, transformando-se num mero reprodutor das palavras do mestre, bem como afirma (FREIRE, 1988).

Neste sentido, educar constitui-se como um ato também de transformação dos indivíduos e do mundo que os cerca. Faz com que esses indivíduos participem das decisões que envolvem a si próprio, a sociedade, se manifestando e construindo seus saberes, como menciona Freire:

É por esta razão que a prática educativo-libertadora se obriga a propor aos homens uma espécie de “arqueologia” da consciência, através de cujo esforço eles podem, em certo sentido, refazer o caminho natural pelo qual a consciência emerge capaz de perceber-se a si mesma. No processo de “hominização” em que a reflexão se instaura, se verifica o salto individual, instantâneo, do instinto ao pensamento. Desde aquele remotíssimo momento, porém, a consciência reflexiva caracterizou o homem como um animal não apenas capaz de conhecer, mas também capaz de saber-se conhecendo. (FREIRE, 1981, p. 81).

A partir desse raciocínio, evidencia-se que a nossa educação não deve ser como um recipiente que precisa ser “enchido” ou como uma simples transmissão de conhecimentos provenientes de um ensino de uma classe dominante e sim um ensino que transforme e liberte o indivíduo da opressão, tendo como centro dessa aprendizagem o aluno.

Outro fator importante de nossa educação, diz respeito ao processo de inclusão. Todos nós sabemos que é necessário haver uma mudança em nossos sistemas escolares, pois este é fundamentado em um pensamento antigo e antiquado que acaba por fazer divisões entre alunos ditos “normais” e “deficientes”, ensino regular e especial, professores com especialização em uma área ou em outra, contribuindo para que haja diferenças, bem como destaca Mantoan:

A lógica dessa organização é marcada por uma visão determinista, mecanicista, formalista, reducionista, própria do pensamento científico moderno, que ignora o subjetivo, o afetivo, o criador, sem os quais não conseguimos romper com o velho modelo escolar, para produzir a reviravolta que a inclusão impõe. (MANTOAN, 1998, p. 13).

Para que a escola seja de fato inclusiva é fundamental que sua maneira de ensinar esteja voltada para o processo de inclusão, para a formação de verdadeiros cidadãos livre de preconceitos, dispostos a aceitar os outros e suas diferenças, seja de raça, cor, religião, classes sociais e econômicas distintas, dentre outras. Procurando sim, aprender com essas diferenças, pois toda a criança ou jovem tem o direito garantido por lei à educação e que deve ser dado possibilidades para que cada indivíduo atinja os níveis essenciais para cada aprendizagem, sendo levado em conta os interesses, capacidades, habilidades e competências que devem ser desenvolvidas por todos os educandos, Declaração de Salamanca (1994). A partir desse contexto, ressalta-se:

Por tudo isso, a inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, pois não se limita aos alunos com deficiência e aos que apresentam dificuldades de aprender,

mas a todos os demais para que obtenham sucesso na corrente educativa geral. Os alunos com deficiência constituem uma grande preocupação para os educadores inclusivos, mas todos sabemos que a maioria dos que fracassam na escola são alunos que não vêm do ensino especial, mas que possivelmente acabarão nele. (MANTOAN, 1998, p. 16).

A partir dessa visão, percebemos a importância de uma educação inclusiva no contexto escolar, pois por meio de uma escola inclusiva alunos e professores aprendem a valorizar e a respeitar as diferenças, convivendo com elas no dia a dia, mostrando que todos têm os mesmos direitos e um papel essencial na construção de conhecimentos.

Oportunizar que crianças e jovens tenham acesso à escola regular é mais que um dever é um direito legal de todos, amparado pela Constituição Federal de 1988, artigo 205, que diz: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Partindo dessa concepção, complementa-se:

Matricular os alunos com deficiência nas escolas e classes comuns mais do que desejável, é imperativo legal. Não por acaso, aliás, dado ser a escola a instância concebida pela sociedade para o trânsito da vida privada para o espaço coletivo do domínio público. Do ambiente familiar agregador, o aluno parte para o ambiente coletivo congregador – a – escola – , onde vai receber formação e viver transformações através da função social reguladora do aparelho escolar. (...) (CARNEIRO, 2007, p. 104).

A partir disso, torna-se digno a luta de todos por seus direitos e ideais de vida, livres de preconceitos, amparados pela lei que garante o preparo e a formação pessoal e humana, direito a cidadania, ao trabalho, ao lazer. Mas é necessário estarmos atentos e cobrar das autoridades e órgãos competentes as devidas aplicações da lei na prática, especialmente na questão da educação, pois ainda nossas escolas enfrentam muitas barreiras a serem vencidas:

Pode-se dizer, então, que a escola comum tem dois desafios permanentes e convergentes a responder: atender adequadamente àqueles alunos com dificuldades de aprendizagem em algum momento do percurso acadêmico e, ainda, fazer o mesmo com aqueles alunos que carecem de atendimento educacional especializado. (CARNEIRO, 2007, p. 105).

Não basta apenas incluir alunos, é preciso ofertar um ensino de qualidade em que todos recebam atendimentos de acordo com suas necessidades de aprendizagem, mas para isso, será indispensável que se priorize objetivos, adapte conteúdos, metodologias e avaliação,

sem desconsiderar o que está funcionando como:

Quando se fala em “inclusão já”, não se trata de desativar o que está funcionando, senão de articular, adequadamente, o que poderá funcionar melhor. Para tanto, é sempre conveniente frisar que as instituições de educação especial trabalham objetivos convergentes com aqueles da escola regular. Ou seja, são especiais porque adotam enfoques complementares e não substitutivos daqueles do currículo escolar básico. Na verdade, escolas e instituições precisam estabelecer passarelas para o entendimento. (CARNEIRO, 2007, p. 106).

Neste enfoque, é propício que se invista em metodologias pedagógicas que evite a exclusão e valorize mais as formas de entendimento e compreensão das diferenças existentes, promovendo maneiras de adaptação de conteúdos e currículos que proporcione um melhor aprendizado para os estudantes, sendo adequados as suas dificuldades de aprendizagem, entretanto, se acrescenta:

Propõe-se, portanto, que a ideia de inclusão já desnude-se do caráter contraditório e impositivo com que é apresentada. Deixe de ser ordem às instituições educativas e passe a ser um reordenamento, como forma de produzir uma intensa mobilização social em favor de uma inclusão escolar não-excludente e a partir da constatação de que “(...) a inclusão escolar vem se efetivando na prática com dificuldade, muito antes de a legislação vigente formalizar a proposta”. (SILVA & FÁCION, 2005 citado por CARNEIRO, 2007, p. 108).

Ter êxito na implantação da inclusão depende também do apoio da comunidade, dos pais e familiares, das autoridades competentes encarregadas de prover as condições necessárias para que o aluno desenvolva suas habilidades e competências no processo de aprendizagem.

Conscientizar todas as pessoas sobre a importância da inclusão, de se compreender as diferenças e aprender com elas é essencial. Por isso, há a necessidade de prestarmos atenção aos modelos educativos em que a escola está inserida. Estes podem se diferenciar influenciando na formação e construção social dos sujeitos que o integram. A compreensão desses aspectos colabora para evitarmos dois mitos sobre a educação especial:

(...) O primeiro consiste em se acreditar que expectativas pedagógicas limitadas, muitas vezes presentes nas escolas especiais, derivam das próprias limitações dos alunos especiais e que ambos respondem pelo fracasso escolar. O segundo mito, muito presente nas escolas da rede regular de ensino, consiste em um alinhamento conceitual e curricular da escola que, partindo de uma concepção gestonária homogênea, uniforme e flexível de necessidade educativa, não possibilita que a instituição se organize para desenvolver projetos pedagogicamente diferentes em função de trajetórias individuais diferenciadas. (CARNEIRO, 2007, p. 107).

O grande problema disso, é que ainda falta conhecimento por parte de muitos docentes, gestores, aceitação de que determinado modelo de ensino não é suficiente para dar conta de um aprendizado que valorize o aluno humanamente, sua identidade, seu mundo cultural, que desenvolva suas habilidades e competências sem impor limites, que motive o estudante a ir além, evitando preconceitos e exclusão.

É muito importante desenvolver nos alunos a capacidade de busca, pesquisa, a construção de ideias que possibilitam um questionamento construtivo e não apenas promover um ensino simplificado, pronto, tornando a aprendizagem mais fácil para o aluno e sim despertar a curiosidade e o interesse dos mesmos, fazendo com que sintam a necessidade de aprender mais, de obter mais conhecimento (DEMO, 2001).

O professor deve respeitar o conhecimento adquirido pelos estudantes anteriores à escola e aproveitar para explorá-los, fazendo um elo entre o que eles já sabem, com o conteúdo ensinado pela instituição. Essas experiências e saberes só vão acrescentar no aprendizado dos alunos, pois levam em conta realidades vivenciadas por eles e que devem ser valorizadas, contribuindo para o crescimento e amadurecimento dos educandos. Neste aspecto, Freire aconselha que:

Saber que devo respeito à autonomia, à dignidade do educando e, na prática, procurar a coerência com este saber, me leva inapelavelmente à criação de algumas virtudes ou qualidades sem as quais aquele saber vira inautêntico, palavreado vazio e inoperante. De nada serve, a não ser para irritar o educando e desmoralizar o discurso hipócrita do educador, falar em democracia e liberdade, mas impor ao educando a vontade arrogante do mestre. (FREIRE, 1996, p. 25).

As sábias palavras de Paulo Freire nos mostram a importância do professor valorizar os saberes adquiridos pelos estudantes anteriores à escola, dando também oportunidade para que estes expressem seus conhecimentos em sala de aula, interajam com os colegas de classe, relacionando este aprendizado que trazem de casa, de suas experiências e vivências com o novo oferecido pela escola, sem que lhes sejam impostos pontos de vistas provindos de uma classe de ideologia dominante, mas construindo juntos estes saberes, cada qual com suas reflexões e linha de pensamento.

Um fator a ser considerado é o de formar sujeitos críticos e que participem nas decisões da sociedade, construindo suas identidades e procurando melhorar e contribuir na formação de uma sociedade mais justa, acolhedora, afetiva para todos. Ensinando com amor, respeitando quem pensa diferente, mas lutando por ideais que possibilitem uma educação mais feliz e produtiva e como aponta Freire: A grande preocupação de Paulo Freire é a mesma

de toda a pedagogia moderna: “uma educação para a decisão, para a responsabilidade social e política”. Nas linhas de sua filosofia existencial sua única exigência específica, e esta exigência define claramente os termos do problema, é que “teria o homem brasileiro de ganhar esta responsabilidade social e política, existindo essa responsabilidade” (...) (FREIRE 1999, p. 12).

Ao analisar estes aspectos, notamos que nossa educação precisa ser reformulada, pois é necessário um trabalho que vise formar sujeitos capazes, ativos, participativos da sociedade, que lute por seus direitos e ideais de vida.

É imprescindível proporcionarmos uma educação que valorize as diferenças e que dê plenas condições para um aprendizado mais eficaz, levando em conta a igualdade que é direito legal de todos no processo de inclusão, pois não basta apenas incluir alunos portadores de necessidades educativas especiais em escolas públicas. É fundamental que se oportunize uma aprendizagem mais eficiente e significativa, conforme as necessidades especiais de cada estudante.

Os governos tem o dever de dar suporte ao ensino na preparação de educadores, na pedagogia escolar, equipamentos e na infraestrutura de instituições de ensino, permitindo dessa forma que alunos desenvolvam suas habilidades e competências. Paraphraseando Mantoan (1998), que salienta a importância da inclusão como um processo de entendimento e conhecimento do outro, uma maneira de interagir, partilhar e aprender com sujeitos diferentes de nós e que devem ser considerados e respeitados.

Para uma educação mais significativa e eficaz é necessário que se leve em conta as realidades vivenciadas pelos estudantes. No mundo em que vivemos, a forte influência dos meios de comunicação estão presentes nessas vivências e podem ser explorados e aproveitados como recursos que despertam a curiosidade, o interesse dos estudantes, sendo também um bom auxílio para a aprendizagem em sala de aula. E de acordo com Libâneo (2008), ao fazer seu planejamento, buscar e organizar material, o educador preocupa-se com o ensino e leva em conta o que os educandos estão aprendendo, uma relação entre o conteúdo apresentado e as reflexões, pensamentos do aluno como sujeito ativo e não passivo desse ensino e ao mesmo tempo avalia o mesmo, seu aprendizado como foco primordial.

A evasão escolar é um grande problema ainda no Brasil, segundo o Ministério da Educação muitos alunos em idade escolar e principalmente os que estão no ensino fundamental, não permanecem na escola e nem sequer chegam a 8ª série, pois estes evadem. As instituições de ensino e professores tem a obrigação de fazer com que esses alunos

permaneçam estudando e conforme Hoffmann (2002) devem investir em ações pedagógicas que levem em conta as vivências dos estudantes, seus interesses, os avanços e as necessidades de cada um, fazendo ajustes em sua maneira de ensinar e educar que visem uma aprendizagem mais eficiente e inovadora.

Para que sejam sanados problemas como repetência, evasão escolar, baixos índices de aprendizado, é fundamental que as instituições e docentes revejam suas formas de avaliação. Esta deve ser contínua, formativa ou qualitativa e que o professor possa utilizar em todas as suas aulas ao acompanhar o processo de aprendizagem dos estudantes. Uma maneira também de rever, refletir sobre os conteúdos ensinados. Já a avaliação quantitativa (somativa), não contribui para um ensino mais eficaz e produtivo, pois se centra em provas (exames) e em muitos casos torna-se uma forma até injusta de avaliar os alunos, fazendo com que muitos repitam o ano, perdendo o estímulo e incentivando também a evasão e como incentiva Hoffmann, (2002), a avaliação deve possibilitar uma reflexão também por parte dos estudantes sobre o mundo que os rodeia, formando indivíduos capazes, críticos e participativos na sociedade.

O professor não pode apenas se contentar em receber do estudante o reconhecimento de erros cometidos e sim ter humildade, estar aberto para sugestões, procurando rever posições, despertando o interesse dos alunos e buscando reconstruir novos caminhos, aprendendo também com eles. É importante ter em mente que só podemos ensinar aquilo que sabemos, pois isso envolve responsabilidade ética e profissional que visa preparação e estudo por parte do docente. Assim Freire expõe:

A minha preocupação quando, como educador, me pergunto em torno da prática educativa que, histórica, não pode estar alheia às condições concretas do tempo-espaço em que se dá, tem que ver fundamentalmente com a maneira como venho entendendo a nossa presença – a dos seres humanos – no mundo. As nossas relações com a História e a Cultura. Se somos seres determinados ou simplesmente condicionados, capazes, porém de, reconhecendo não só o condicionamento mas sua força, ir mais além dele. Se estamos sendo seres da pura adaptação à realidade, miméticos ou se, pelo contrário, atuantes, curiosos, capazes de correr risco, transformadores, terminamos por nos tornar aptos para intervir no mundo, mais do que puramente a ele nos acomodar (FREIRE, 2000, p. 42).

A partir dessa concepção, entendemos mediante as reflexões de Freire, a extrema importância que tem de estarmos bem preparados como educadores atuantes na busca de conhecimentos e aprendizados, levando sempre em conta as realidades que nos são apresentadas e não permitindo que a rotina nos acomode, mas lutando por um mundo melhor, mais justo e por uma educação de qualidade e significativa para nossos estudantes.

Sabemos que, a educação transforma-se em uma prática política que necessita de uma prática pedagógica. A escola e seus docentes tem o dever de participar e contribuir na construção de saberes de seus educandos, baseando-se num projeto político que a sociedade apresenta. O aluno não deve apenas receber informações e sim interagir, construir seus próprios conhecimentos a partir do que lhe foi exposto, respeitando sempre a cultura e a vivência de cada um. Nisso, Freire salienta:

Não há como não repetir que ensinar não é pura transferência mecânica do perfil do conteúdo que o professor faz ao aluno, passivo e dócil. Como não há também como não repetir que, partir do saber que os educandos tenham não significa ficar girando em torno deste saber. Partir significa pôr-se a caminho, ir-se, deslocar-se de um ponto a outro e não ficar, permanecer. Jamais disse, como às vezes sugerem ou dizem que eu disse, que deveríamos girar embevecidos, em torno do saber dos educandos, como uma mariposa em volta da luz (FREIRE, 1994, p. 37).

Seguindo essa lógica, nota-se que é imprescindível que as instituições de ensino e seus docentes, desenvolvam um trabalho pedagógico que vise levar em conta os saberes adquiridos pelos estudantes e a partir desse conhecimento prévio, relacionar ao novo apresentado pela escola, tornando dessa forma um aprendizado mais significativo para o aluno.

Outro fator que deve ser dada devida atenção é o cuidado especial por parte do docente quando está ensinando conteúdos e criticando questões políticas. No primeiro momento, pode ocorrer de o professor ficar satisfeito com as respostas de seus alunos, mas eles podem apenas estar reproduzindo as ideias do mestre. O objetivo não deve ser transferir o discurso do mestre para os educandos e sim de obter uma reação que demonstre a reflexão, o posicionamento, a compreensão e crítica dos alunos, sem visar a reprodução da ideologia dominante e como menciona Gadotti:

Esta relação entre educação e sociedade é uma relação que persiste, complicada de equacionar, com a qual o professor hoje está preocupado. A questão política reaparece constantemente: até que ponto o professor deve ser um político, até que ponto ele deve ser um técnico? Ele deve se ater aos conteúdos? Deve trabalhar as questões políticas dentro da escola? (GADOTTI, 1985, p. 49).

Se quisermos formar indivíduos críticos, reflexivos e participativos da sociedade e que lutem para que esta seja transformada em um lugar mais justo para todos e que todos tenham os mesmos direitos, certamente que sim. O professor deve trazer para a sua aula questões políticas, pois política e educação estão unificadas, mas deve ter cautela ao tratar desses assuntos, porque de um lado há os que dominam através do autoritarismo e de outro os

que são dominados. O papel do educador deve ser de denúncia e reflexão sobre realidades injustas, e não permitir que seu aluno fique na ingenuidade dos fatos, mas se posicione, pronuncie-se a favor ou contra estes fatores.

É imprescindível que o professor oportunize espaços em sala de aula para que os alunos expressem o que já sabem ou conhecem sobre determinado assunto e a partir disso, construam seus próprios conhecimentos com o auxílio do educador, levando estes a compreenderem que seus aprendizados irão depender do interesse, da participação, do empenho de cada um, inculcando neles o senso da responsabilidade.

Nisso, podemos dizer que práticas reflexivas em sala de aula são essenciais para que tenhamos um aprendizado mais significativo para o aluno, mas não se pode negar o fato de que alguns estudantes poderão ter pontos de vistas diferentes sobre um determinado assunto apresentado pelo professor e com isto, este terá que considerar tal posicionamento, Schön destaca:

En un prácticum reflexivo, el estudiante y su tutor se sitúan en una posición inicial de conflicto sobre el marco conceptual. Reinan la confusión y el misterio, y los significados defendidos por tutor y estudiante tienden a ser incongruentes. El lenguaje del tutor remite a los objetos y a las relaciones de un mundo determinado, familiar al tutor pero extraño para el estudiante. Puesto que el estudiante no ha experimentado todavía esse mundo desde su interior, y no puede hacerlo hasta que aprenda a construirlo, los objetos y las relaciones de ese mundo no son todavía suyos (SCHÖN, 1992, p. 1996).

Ao perceber esse fato, o professor torna-se um mediador na construção de conhecimentos e a partir do diálogo entre educador e educando procura-se harmonizar esses pontos de vistas distintos e encontrar respostas ou soluções mais satisfatórias para esse impasse, chegando a um entendimento e a formulação de um conceito para a questão discutida.

Temos que ter em mente também que não há conhecimento absoluto que não esteja sujeito a erros. Todo o conhecimento, teorias científicas, por exemplo, estão sujeitas a falhas, bem como aponta Edgar Morin:

Nossos sistemas de ideias (teorias, doutrinas, ideologias) estão não apenas sujeitos ao erro, mas também protegem os erros e ilusões neles inscritos. Está na lógica organizadora qualquer sistema de ideias, resistir à informação que não lhe convém ou que não pode assimilar. As teorias resistem à agressão das teorias inimigas ou dos argumentos contrários. Ainda que as teorias científicas sejam as únicas a aceitar a possibilidade de serem refutadas, tendem a manifestar esta resistência. Quanto às doutrinas, que são teorias fechadas sobre elas mesmas e absolutamente convencidas de sua verdade, são invulneráveis a qualquer crítica que denuncie seus erros (MORIN, 2000, p. 22).

Partindo dessa concepção é que precisamos ter cautela, rever conceitos, teorias e não impor a nossos estudantes um aprendizado autoritário como se fossemos donos da verdade ou que a possuíssemos, sem que lhes sejam dados oportunidades para reagirem diante do que lhes for apresentado, como se o ensino fosse apenas uma transmissão de saberes. Deve-se permitir reflexão entre alunos, conteúdos e professor, repensando conceitos, teorias e pontos de vistas em sala de aula.

Devemos dar atenção a um fator importante de nossa educação, a questão da compreensão. Precisamos ensinar e aprender a compreender os outros e suas ações, incentivando mais especificamente à compreensão intelectual e neste sentido Edgar Morin ressalta:

A ética da compreensão é a arte de viver que nos demanda, em primeiro lugar, compreender de modo desinteressado. Demanda grande esforço, pois não esperar nenhuma reciprocidade: aquele que é ameaçado de morte por um fanático compreende porque o fanático quer matá-lo, sabendo que este jamais o compreenderá. Compreender o fanático que é incapaz de nos compreender é compreender as raízes, as formas e suas manifestações do fanatismo humano. É compreender porque e como se odeia ou se despreza. A ética da compreensão pede que se compreenda a incompreensão (MORIN, 2000, p. 99).

Para que tenhamos êxito em uma educação que contemple o ser humano, o intelectual, o social, aquele que pensa e age diferente de nós, é indispensável procurarmos compreender os outros e a partir disso, apresentar nossas ideias sobre determinado assunto, harmonizando-as com o pensamento e a ideia de outros, construindo conceitos juntos e chegando a um determinado entendimento sobre um ponto em questão. Mas para que isso ocorra, Vygotski nos aconselha a compreendermos melhor a formação da mente humana:

A verdadeira essência da memória humana está no fato de os seres humanos serem capazes de lembrar ativamente com a ajuda de signos. Poder-se-ia dizer que a característica básica do comportamento humano em geral é que os próprios homens influenciam sua relação com o ambiente e, através desse ambiente, pessoalmente modificam seu comportamento, colocando-o sob seu controle. Tem sido dito que a verdadeira essência da civilização consiste na construção propositada de monumentos de forma a não esquecer fatos históricos. Em ambos os casos, do nó e do monumento, temos manifestações do aspecto mais fundamental e característico que distingue a memória humana da memória dos animais (VYGOTSKI, 1998, p. 40).

Neste sentido, entender a formação da mente humana vai contribuir para o convívio no dia a dia com outras pessoas, visando um melhor aprendizado e relacionamento

entre indivíduos, sabendo que nossas atitudes e ações podem influenciar o ambiente em que vivemos. Se almejarmos um mundo melhor, uma sociedade mais solidária e que respeite os direitos de todas as pessoas é necessário haver compreensão de nós mesmos e dos outros e neste respeito, Jacques Delors expressa:

Para podermos compreender a crescente complexidade dos fenômenos mundiais, e dominar o sentimento de incerteza que suscita, precisamos, antes, adquirir um conjunto de conhecimentos e, em seguida, aprender a relativizar os fatos e a revelar sentido crítico perante o fluxo de informações. A educação manifesta aqui, mais do que nunca, o seu caráter insubstituível na formação da capacidade de julgar. Facilita uma compreensão verdadeira dos acontecimentos, para lá da visão simplificadora ou deformada transmitida, muitas vezes, pelo meio de comunicação social, e o ideal seria que ajudasse cada um a tornar-se cidadão deste mundo turbulento e em mudança, que nasce cada dia perante nossos olhos (DELORS, 2006, p. 47).

Por uma educação inovadora e transformadora de nossa sociedade, temos que atentar para acontecimentos, fatos ligados ao nosso dia a dia que se relacione com nossas atribuições, prestar atenção ao ambiente e ao mundo que nos cerca, buscando entendimento e aprendizado, como é destacado por Delors:

A compreensão deste mundo passa, evidentemente, pela compreensão das relações que ligam o ser humano ao seu meio ambiente. Não se trata de acrescentar uma nova disciplina a programas escolares já sobrecarregados, mas de reorganizar os ensinamentos de acordo com uma visão de conjunto dos laços que unem homens e mulheres ao meio ambiente, recorrendo às ciências da natureza e às ciências sociais. Esta formação poderia, igualmente, ser posta ao dispor de todos os cidadãos, na perspectiva de uma educação que se entenda ao longo de toda a vida. (DELORS, 2006, p. 47).

Sem dúvida alguma, a nossa educação precisa sim ser reformulada, mas sem necessidade de acrescentar mais disciplinas no currículo escolar, já tão sobrecarregado como menciona o autor e sim ajustar essas disciplinas de forma que deem conta de abranger as questões humanas de entendimento e compreensão do próprio indivíduo, dos outros que estão a sua volta, pois a nossa educação não deve estar apenas voltada para a formação dos conteúdos técnicos do ensino, mas transcender os mesmos, humanizando por meio de uma pedagogia que englobe um aprendizado mais significativo para o aluno.

Neste contexto, percebe-se o papel essencial da escola e dos educadores na preparação e construção de conhecimentos de seus alunos, preparando-os não somente no que se refere ao conteúdo programado pela instituição, mas para a vida. Integrando verdadeiros cidadãos de bem nos diversos campos de ação e meios da nossa sociedade. Com relação a

esse aspecto, a professora, psicóloga e doutora em educação, Amélia Rota Borges de Bastos², salienta:

A escola, por conseguinte, nessa concepção, se constitui num espaço potencial de formação, desenvolvimento e aprendizagem. Essa condição a institui como lócus privilegiado de mudança, nomeadamente intitulado por Alarcão (2000) como Escola Reflexiva, por Leite (2003) como Escola Curricularmente Inteligente e por Senge (1990) como Organização Aprendente. Para esses autores, a potencialidade da transformação da ação educativa centra-se na possibilidade da escola enquanto instituição que pensa, a partir de incorporação e reflexão das mutações sociais, produzir coletivamente mudanças. (BASTOS, 2011, p. 13).

Para que essas mudanças ocorram, é importante que se crie oportunidades de discussão de assuntos relacionados com o aprendizado e formação dos estudantes, tanto de alunos ditos “normais” como alunos com necessidades educativas especiais, inserindo práticas pedagógicas de educação inclusiva na escola, assim como ressalta Bastos:

Neste contexto de formação anunciado como possibilidade para a implementação da ação pedagógica inclusiva, são valorizadas as aprendizagens da prática, da inserção no campo e da possibilidade, por meio dessa inserção, de aprender com docentes mais experientes. A reflexão sobre a realidade permite ao professor a construção de intervenções mais inovadoras e criativas, adaptadas às influências do cotidiano da escola e da sala de aula. Os enfoques decorrentes dessa perspectiva foram denominados por Gimeno-Sacristán e Pérez Gómez (2001) como tradicional e reflexivo. (BASTOS, 2011, p. 13).

Fica evidente que é fundamental haver diálogo e interação entre os profissionais de educação, procurar melhores caminhos para desenvolvimento de ações pedagógicas que levem em conta o aprendizado dos alunos de uma maneira significativa, respeitando às diferenças existentes, como expõe Delors:

O respeito pela diversidade e pela especificidade dos indivíduos constitui de fato um princípio fundamental, que deve levar à proscrição de qualquer forma de ensino estandardizado. Os sistemas educativos formais são, muitas vezes, acusados e com razão, de limitar a realização pessoal, impondo a todas as crianças o mesmo modelo cultural e intelectual, sem ter em conta a diversidade dos talentos individuais. (...) (DELORS, 2006, p. 55).

A escola e o professor em sala de aula devem propiciar espaços para que os talentos e aptidões de seus alunos sejam explorados e desenvolvidos, descobrindo quais são seus gostos, incentivando o uso da imaginação para criar, escrever e não deixar de motivá-los, partir de um aprendizado de algo que lhes sejam familiares, que conheçam e não um ensino

² Professora Adjunta da área de Educação da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), Campus Bagé – RS.

aleatório e muito distante da realidade do aluno.

Mas para que isso ocorra, é necessário que se invista na formação e preparação do professor, pois o mundo evolui rapidamente e o educador e seu ensino devem acompanhar essa evolução, como mencionado por Delors:

(...) A formação de professores deve, por outro lado, inculcar-lhes uma concepção de pedagogia que transcende o utilitário e estimule a capacidade de questionar, a interação, a análise de diferentes hipóteses. Uma das finalidades essenciais da formação de professores, quer inicial quer contínua, é desenvolver neles as qualidades de ordem ética, intelectual e afetiva que a sociedade espera deles de modo a poderem em seguida cultivar nos seus alunos o mesmo leque de qualidades. (DELORS, 2006, p. 162).

Podemos ainda acrescentar que é indispensável haver contato e interação do professor iniciante e atuante com outros profissionais da educação mais experientes, sendo proporcionado também cursos de aperfeiçoamento e formação continuada visando assim uma melhor preparação desses educadores. É imprescindível que haja participação e envolvimento do professor nas questões que dizem respeito à educação, como explana Delors:

Os professores deveriam estar mais intimamente associados às decisões relacionadas com a educação. A elaboração de programas escolares e de materiais pedagógicos deveria fazer-se com a participação de professores em exercício, na medida em que a avaliação das aprendizagens não pode ser dissociada da prática pedagógica. De igual modo, a administração escolar, a inspeção e a avaliação dos docentes só tem a ganhar se estes forem associados aos processos de decisão. (DELORS, 2006, p. 165).

Alcançar uma educação de promoção humana e de qualidade é preciso profissionais qualificados e que recebam apoio da sociedade e dos órgãos competentes para o desenvolvimento de ações pedagógicas eficientes capazes de transformar uma realidade. Sobre o fator aprendizagem, é necessário haver profissionais reflexivos, pesquisadores e observadores do ambiente escolar, que reflitam suas ações, métodos, conceitos e estratégias utilizadas, pois existe um vasto campo de possibilidades para a reflexão, em sala de aula, durante explicações e aplicações de atividades, no lar, no momento de despertar e de dormir, numa conversa com colegas de profissão, no momento de uma leitura, de preparar aulas, na correção de exercícios, dentre outros. (PERRENOUD, 2002).

Mas para que o ensino tenha qualidade e seja significativo para o aluno, o professor precisa estar bem preparado, dominar o conteúdo e estar sempre mais de uma lição a frente dos estudantes, como aconselha Perrenoud:

“O que se concebe bem se enuncia claramente, e as palavras para dizê-lo afloram com facilidade”, dizia Boileau. Atualmente, estamos bem além desse preceito. Não basta, para fazer com que se aprenda, estruturar o texto do saber e depois “lê-lo” de modo inteligível e vivaz, ainda que isso já requeira talentos didáticos. A competência requerida hoje em dia é o domínio dos conteúdos com suficiente fluência e distância para construí-las em situações abertas e tarefas complexas, aproveitando ocasiões, partindo dos interesses dos alunos, explorando os acontecimentos, em suma, favorecendo a apropriação ativa e a transferência dos saberes, sem passar necessariamente por sua exposição metódica, na ordem prescrita por um sumário (PERRENOUD, 2000, p. 27).

Complementando essa importância de preparação e formação do professor, deve-se atentar para os meios e as metodologias que serão utilizadas, não adiantando projetos e planos bem elaborados se há insuficiência de domínios fluentes por parte do educador e nisso Perrenoud adverte:

Essa facilidade na administração das situações e dos conteúdos exige um domínio pessoal não apenas dos saberes, mas também daquilo que Develay (1992) chama de matriz disciplinar, ou seja, os conceitos, as questões desse domínio, a unidade dos saberes no seio de uma disciplina. Sem esse domínio, a unidade dos saberes está perdida, os detalhes são superestimados e a capacidade de reconstruir um planejamento didático a partir dos alunos e dos acontecimentos encontram-se enfraquecida (PERRENOUD, 2000, p. 27).

Isso corresponde a um esforço contínuo por parte do docente, exige conhecimento teórico sobre o ensino em questão e transposição deste aprendizado para a prática, obtendo competência e habilidade didática sobre os conteúdos ensinados e promovendo um melhor aprendizado para seus estudantes. Nesta lógica, o professor precisa lembrar suas experiências enquanto aluno, o tempo em que ainda não sabia e procurar se colocar no lugar deles, mas é preciso ter consciência de que não sabemos tudo e que estamos sempre aprendendo.

O professor aprende com seus alunos por meio da interação e da convivência no dia a dia, por esse motivo deve estar sempre pronto para ouvi-los, descobrir quais seus anseios, necessidades, dificuldades de aprendizagem, etc. Saber quais são seus sonhos na vida, que carreiras profissionais pretendem seguir, o que gostam de fazer nas horas vagas. Dessa forma, o educador também passará a fazer parte do mundo do aluno conhecendo-o melhor construindo um vínculo de afetividade, solidariedade, um ambiente propício para o aprendizado.

Ter paciência, pois as grandes descobertas em toda a história da humanidade levaram algum tempo para serem consideradas e aceitas. Mas isso não impede que o professor empenhe-se buscando mais conhecimentos, confrontando-se com seus limites, pesquisando e procurando acima de tudo despertar o interesse e a curiosidade de seus alunos, tornando-se

porque não, um exemplo a ser seguido.

Ser humilde e não se colocar como dono da verdade, como se ela a pertencesse e sim estar sempre disposto a aprender. Não esquecendo que estamos sujeitos a cometer erros ou enganos e às vezes podemos não atingir os resultados esperados. Mas precisamos adquirir humildade e aceitar quando essas coisas ocorrem, ou quando alguém nos alerta ou corrige sobre determinado ponto de vista. Só assim cresceremos em sentido profissional, aceitando nossas falhas e aprendendo com elas.

No ensino deve haver interação, diálogo entre professor e alunos, valorização dos saberes e neste aspecto, Perrenoud aconselha:

Resta trabalhar a partir das concepções dos alunos, dialogar com eles, fazer com que sejam avaliadas para aproximá-las dos conhecimentos científicos a serem ensinados. A competência do professor é, então, essencialmente didática. Ajuda-o a fundamentar-se nas representações prévias dos alunos, sem se fechar nelas, a encontrar um ponto de entrada em seu sistema cognitivo, uma maneira de desestabilizá-los apenas o suficiente para levá-los a reestabelecerem o equilíbrio, incorporando novos elementos às representações existentes, reorganizando-as se necessário. (PERRENOUD, 2000, p. 29).

É indispensável que o professor tenha uma visão mais específica do grupo escolhido para o desenvolvimento do trabalho, uma espécie de diagnóstico, conhecer a turma e a realidade apresentada antes de propor um determinado trabalho, pois pode haver alunos com níveis de aprendizagens diferentes e que possam ter dificuldades de aprender.

O professor deve ser um mediador do conhecimento, levando os alunos a construção das aprendizagens e ter como objetivos desenvolver nos estudantes a capacidade e o desejo de aprender e de se auto-avaliar, superar os desafios, ter prazer em estudar, incentivar a busca e a pesquisa de respostas para atividades e conteúdos. (PERRENOUD, 2000).

Com relação ao ensino aprendizagem, a didática tem uma função importante na aquisição de conhecimentos, devendo ser compreendida muito bem pelo professor e neste ponto, deve-se considerar:

Convém agora examinar as relações entre a Didática e o conhecimento, tantas vezes indicado como resultado previsto da aprendizagem. Como no caso da instrução, o verbo correspondente – conhecer – é de uso comum, talvez banalizando. Pode ser usado apenas para indicar que a memória de alguém registrou uma informação (“eu já te conheço, fomos colegas” ou conheço essa canção”). Seria, então, apenas um reconhecimento. Mas a fala de todos os dias registra também inflexões às vezes sarcásticas, apoiadas em reflexões críticas, que vão além do simples reconhecer (“eu te conheço muito bem” ou conheço suas intenções”). (...) (CASTRO, 2012, p. 17).

Quando alguém diz que conhece um determinado conteúdo, disciplina, isso não quer dizer que esse indivíduo tenha um conhecimento aprofundado do assunto e sim um reconhecer superficial adquirido de informações memorizadas.

O conhecimento provido pela escola tem que exigir raciocínio, ato de pensar, não deve ser apenas superficial e sim reflexivo, compreensivo, tendo o aluno como sujeito ativo e participativo na construção dos saberes, como afirma Castro:

(...) Confirma-se que o conhecimento escolar não se confunde com informações ou conteúdos programáticos, mas implica no próprio processo de sua construção pelos alunos. Essa conotação ultrapassa os limites do que se entende usualmente por instrução e releva do esforço intelectual para a sua conquista, já que cada aquisição envolve o funcionamento da inteligência e, assim fazendo, a fortalece e a aperfeiçoa, ampliando suas possibilidades de conhecer. (CASTRO, 2012, p. 18).

Por essa razão, devem-se conceder espaços e oportunidades em sala de aula através de meios pedagógicos e didáticos para que os alunos desenvolvam seus talentos e aprendizados, Castro ressalta:

Quando as situações didáticas não dão espaço para que o sujeito construa sua inteligência, fixam-se no sentido mais restrito da atividade do ensino, ignorando seu potencial para desenvolver as condições de aprendizagens futuras. Estas condições têm dupla dimensão: sendo básicas para cada processo de aprendizagem, devem poder atuar sobre o futuro. Não basta reconhecer as dificuldades de aprendizagem de crianças e jovens que não atingiram os níveis esperados em determinadas atividades; é necessário que os ensinantes reconheçam como sua função elevar progressivamente esses níveis. (...) (CASTRO, 2012, p.19).

Neste contexto, evidencia-se o papel fundamental do professor estar preparado e qualificado para desempenhar suas atribuições. Um profissional reflexivo e observador que consiga visualizar a realidade que lhe é apresentada. A partir desta, elaborar uma proposta didática de ensino capaz de levar em conta a necessidade de aprendizagem do aluno, motivando-o a querer aprender mais, desenvolvendo suas capacidades intelectuais e não esquecer o que retrata Penin:

A liberdade, a autonomia, a flexibilidade de pensamento e a coragem para o exercício da incerteza para experimentar as mais diferentes estruturas escolares, de currículo e de estratégias de ensino, para que os alunos, diferentes ao chegarem na escola, usufruam de meios os mais diferenciados para igualarem-se aos demais, ao dela saírem, explorando-se, para isso, todos os bens sociais da escola, da localidade e, sempre que possível, da comunicação informatizada. Assim como para os alunos, também para os professores indica-se a necessidade de capacitações específicas, segundo os momentos e níveis de reflexão e experiência que já possuam relativos às

questões relacionadas à aprendizagem, à escola, aos alunos e ao ensino. (PENIN, 2012, p. 39).

A escola também deve ser um ambiente acolhedor de um público que provenha das mais diversas classes sociais, raças, cor, etc. Permitindo que todos tenham os mesmos direitos à educação e ao aprendizado proporcionado pela instituição, incentivar a participação e colaboração dos pais e da comunidade que atende. Valorizar e respeitar as diferenças e suas identidades, como acrescenta Penin:

Práticas de reconhecimento da própria identidade, respeito e acolhimento da identidade do outro e aprimoramento constante dessas identidades, tendo em vista o bem comum e o próprio desenvolvimento. Também aqui, da mesma forma que para os alunos, sugere-se a importância de os professores serem acolhidos como são e participarem juntos de um projeto de capacitação continuada na busca de uma escola de qualidade superior e do conseqüente desenvolvimento contínuo de sua própria pessoa. (PENIN, 2012, p. 39).

As questões das diferenças devem ser trabalhadas na escola, especificá-las para a comunidade local, esclarecendo que com elas também podemos aprender, respeitando-as na medida em que convivemos com as diversas pessoas e pontos de vistas que integram o ambiente escolar, conhecendo e compreendendo sua identidade, como se explana:

A identidade de uma escola não outorga de fora e nem se faz no abstrato, mas construída pela ação das pessoas que ali vivem. A autonomia, por sua vez, será exercida ao se perseguirem objetos claramente definidos. A LBD propõe a estratégia para essa ação consciente: cada escola formular seu projeto pedagógico. É necessário registrar, contudo, que mesmo antes da LBD, muitas delas, cientes de seu papel social, já elaboravam seu projeto pedagógico, muitas de maneira democrática como agora é proposto. (PENIN, 2012, p. 40).

Uma escola bem estruturada e com autonomia para elaborar e planejar seu projeto pedagógico, que estimule e incentive a participação dos pais dos alunos e da comunidade a que pertence, sendo responsável e deixando claro qual o seu papel social na formação e na educação de crianças e jovens, conforme expressa-se:

É necessário ter clareza dos sujeitos a serem envolvidos no projeto. Um projeto pedagógico bem definido, com as prioridades colocadas de forma consensual, facilitará sua partilha para além dos profissionais da educação, envolvendo os alunos, seus pais e mesmo a comunidade local. (PENIN, 2012, p. 40).

A participação e envolvimento de todos na educação é indispensável para a construção e desenvolvimento de uma sociedade mais participativa e consciente de suas

obrigações e que deve ter como prioridade educar e transformar este mundo, num mundo mais justo e fraterno, onde todos tenham os mesmos direitos e que se faça expandir ações de solidariedade, respeito mútuo as diversidades existentes.

Se todos nós sonhamos com uma sociedade transformada, precisamos valorizar mais nossa educação, investindo em projetos e planejamentos que valorizem mais os alunos e suas realidades, que valorizem os professores, pois só assim produziremos bons frutos, o conhecimento que muda uma realidade. Mas é preciso compreender melhor qual a função do conhecimento e neste respeito, Luckesi esclarece:

Conhecimento significa uma forma de conhecimento da realidade, ou seja, uma forma de compreensão de alguma coisa, tanto no seu modo de ser quanto no seu modo de operar com ela. O conhecimento não é apenas uma forma de obter e reter informações. É muito mais que isso. É uma forma de entender a realidade como ela é e no seu funcionamento, a partir dos múltiplos elementos que o explicam. Para combater e vencer uma doença é preciso saber o que ela é e como age; para travar uma luta política, com chances de sucesso, é preciso entender o funcionamento da sociedade em que se vive. E assim por diante. O conhecimento é, portanto, um instrumento de vivência e de sobrevivência. Não significa apenas uma “ilustração da mente”. (LUCKESI, 1994, p. 86).

Os benefícios que a escola pode oferecer aos seus educandos são imensuráveis, além do conhecimento ofertado e planejado pela instituição, os estudantes passam a se apropriar de um conhecimento cultural e educativo, como explica Luckesi:

Vale lembrar que a apropriação do conhecimento elaborado é forma fundamental de elevação cultural de quem o apropria. Isso porque o conhecimento elaborado é um meio exterior que obriga aquele que o apropria a produzir uma nova síntese de seus entendimentos do mundo e da realidade. A cultura elaborada é um elemento que obriga a uma ruptura com a situação cultural anterior do indivíduo, possibilitando-lhe “ser outro”. Por exemplo, quem adquire um conhecimento de história, que não possuía antes, ganha uma nova experiência cultural e, por isso mesmo, elabora uma nova síntese de compreensão. (...) (LUCKESI, 1994, p. 86).

Além da preparação do indivíduo para integrar a sociedade, há um comprometimento com o profissional e a personalidade deste, sem deixar de mencionar a responsabilidade social e ética que cada um tem com o próximo, um compromisso com a cidadania e com a vida. Todas as atividades educativas que a escola desenvolve são fundamentais para o aprendizado e para a formação de sujeitos ativos e nestas expectativas, Luckesi destaca:

A escola, dentro dos seus objetivos e em todas as suas atividades deve trabalhar para desenvolver uma afetividade sadia em seus alunos. Para tanto, não é necessário

existirem atividades curriculares formais. Importa que, em cada atividade curricular formal, os educadores estejam atentos para este aspecto. A aprendizagem disciplinada de alguma coisa não tem que ser obrigatoriamente coercitiva, ela pode dar-se pelo prazer e pela alegria que produz. Isso não significa dizer que a escola é um espaço de lazer e ócio. Ela é um espaço onde se aprende e se vive prazerosamente de uma forma disciplinada e trabalhosa, desde que conhecimentos, habilidades e formas de vivências exigem esforços permanentes. Nenhum avanço se dá sem um esforço e, pois, sem uma ruptura com o estado de repouso. (LUCKESI, 1994, p. 87-88).

Isso nos mostra que a escola como instituição de ensino, tem como objetivo de educar e desenvolver competências e habilidades de seus educandos, formando sujeitos críticos e reflexivos e possibilitando tomada de consciência e que estes se posicionem participando de decisões no ambiente escolar, na comunidade, no meio em que vivem, manifestando espírito de solidariedade, acrescenta Luckesi (1994): “Em síntese, a escola que queremos é aquela onde os educadores estão profundamente interessados na educação dos seus alunos. Para tanto, trabalham efetivamente para que seus educandos adquiram os legados culturais elaborados pela humanidade, que formem um espírito de solidariedade, de um modo afetivamente positivo” (LUCKESI 1994, p. 88).

Para alcançarmos o ideal acima mencionado, é preciso esforço de nossa parte, dedicação e empenho, definir estratégias metodológicas e pedagógicas voltadas para um ensino significativo, que englobe o aprendizado de todos os alunos, níveis, portadores de necessidades educativas especiais, conforme as circunstâncias e a realidade em que cada escola se insere.

Um aspecto que deve ser considerado, diz respeito ao material de estudos utilizado, o famoso livro didático que o professor usa para prover conhecimento e aprendizagem para seus alunos. Sendo que em muitos casos há um livro didático com respostas completas para o professor guiar-se e um livro didático para o aluno estudar. O grande problema não é utilizar o livro didático e sim como utilizá-lo. O que não pode ocorrer é o uso deste como um instrumento que só condiz verdade e que não pode ser questionado. Ao planejar suas aulas o professor deve:

De fato, sobre métodos e procedimentos de ensino, é preciso agir com critérios definidos e com prudência. Não basta relacionar qualquer coisa num planejamento. Há necessidade de estudar que procedimentos e que atividades possibilitarão, da melhor forma, que nossos alunos atinjam o objetivo de aprender o melhor possível daquilo que estamos pretendendo ensinar. (LUCKESI, 1994, p. 105).

A partir do que foi exposto, é importante em um planejamento se estabelecer critérios, métodos e objetivos a serem alcançados. Escolher conteúdos apropriados às séries

ou anos destinados, que se relacionem com as realidades vivenciadas pelos estudantes e que tenham um valor significativo para eles, sem ser algo aleatório, sem sentido e mecanicista que não produz um bom aprendizado. Dentre esses fatores, é indispensável que o professor reflita sobre o conselho expresso:

O educador, como sujeito direcionador da práxis pedagógica escolar, deverá, no seu trabalho docente, estar atento a todos os elementos necessários para que o educando efetivamente aprenda e se desenvolva. Para isso, além das observações aqui contidas, deverá ter presente os resultados das ciências pedagógicas, da didática e das metodologias específicas de cada disciplina. (LUCKESI, 1994, p. 119).

Dessa forma, se realizará um trabalho eficiente de aprendizagem significativa, em que se levam em conta os saberes adquiridos pelos alunos relacionados com os novos saberes apresentados pela proposta pedagógica da escola e do docente. O conhecimento que o educando apresenta de maneira significativa, terá mais facilidade de lembrar e ajudará na assimilação de novos aprendizados, além do mais, o empenho e a dedicação do educador em buscar e prover tal conhecimento é vital para a constituição de sua prática pedagógica, como se destaca:

(...) toda aprendizagem é significativa quando está inserida de forma ativa na realidade, podendo assim ser utilizada para intervir nesta. Assim o professor, ao apresentar propostas de projetos, desenvolver novas ideias, buscar respostas e resolver problemas aplicando conceitos para situação do contexto educacional, estará promovendo atitudes que podem transformar sua prática pedagógica. (JUSTINO, 2011, p. 84).

Mas para que estes alvos sejam alcançados é essencial que o professor faça uma pesquisa e analise os mais variados materiais didáticos que pretende trabalhar, que estimule o interesse dos alunos por estes conhecimentos, como salienta Justino:

É importante destacar que a aprendizagem significativa ocorrerá com mais facilidade quando o professor considerar também dois aspectos fundamentais nesse processo: o material de aprendizagem potencialmente significativo e a disponibilidade do aluno aprender. Este deverá, então, relacionar de maneira substantiva e não arbitrária o novo material, potencialmente significativo, à sua estrutura cognitiva (AUSUBEL citado por MOREIRA, 2006 apud JUSTINO, 2011, p. 66).

Com base neste processo de aprendizagem, alunos e professores irão interagir com o material didático e com o conteúdo exposto, mas outro aspecto deverá ser considerado, a forma como estes conhecimentos serão apresentados aos estudantes e nesta lógica, Justino

acrescenta:

A ação docente no processo de ensino-aprendizagem requer uma dedicação referente à forma como serão trabalhados os assuntos em sala de aula. Ou seja, além do conteúdo, deverá fazer uso de materiais para que possa tornar esse processo dinâmico, eficiente e prazeroso. É necessário que os professores compreendam que ao servir, no processo ensino-aprendizagem, como elemento motivador da construção do conhecimento (JUSTINO, 2011, p. 85).

Neste contexto, evidencia-se o que já tínhamos mencionado anteriormente, a preparação do professor e o uso de estratégias metodológicas pedagógicas que contribuam para a efetiva aprendizagem significativa com o objetivo de proporcionar um ensino eficiente e de qualidade para o aluno. No entanto, para que haja essa qualidade no ensino, deve-se considerar como referências as teorias da aprendizagem e sobre este estudo, podemos destacar:

As teorias da aprendizagem são uma área da psicologia que estuda o processo de aprender/aprender: São várias as teorias da aprendizagem, como: Gestalt, Behaviorismo, Construtivismo e Aprendizagem Significativa (uma das teorias decorrentes do Construtivismo) (...) (BIGGE, 1971 apud CARVALHO et al., 2001, p. 82).

Compreender essas teorias nos ajuda no entendimento do processo de ensino aprendizagem, evitando que venhamos a utilizar estratégias metodológicas mecanicistas e sim utilizarmos meios metodológicos que colaborem para a construção do conhecimento, tornando o educador um mediador entre o conhecimento a ser adquirido e o aluno e neste respeito, Carvalho explica:

Para o Construtivismo uma das principais preocupações é encarar o indivíduo como alguém que possui uma história. Esse conhecimento adquirido ao longo de sua história o auxilia no processo de aprendizagem de novos conhecimentos ou de novos conceitos, ou seja, ensinar não é um fato realizado apenas para que o aluno adquira conhecimentos específicos, mas para que ele cresça integralmente. Surgem, então, algumas questões: Como alguém aprende? O que faz uma pessoa adquirir novos conhecimentos? Para a Teoria de Ausubel, o ponto mais importante no processo de aprendizagem são os conhecimentos adquiridos anteriormente, ou seja, aqueles adquiridos ao longo de sua vida, pois serão ancoras para novos conhecimentos e ideias, a esse ciclo chamamos de aprendizagem significativa. (CARVALHO et al., 2001, p. 83).

Dessa forma, o professor deverá procurar saber o que seu aluno já sabe ou conhece de determinado assunto, quais suas motivações e interesses sobre tal tema, o que se pode fazer para aproximar mais o aluno daquele conteúdo, que estratégias ou metodologias podemos utilizar. Essas reflexões por parte do docente irão ajudar muito na produção da

aprendizagem significativa, sem deixar de mencionar outro ponto essencial, a existência de uma boa relação entre educador e educando.

Para que o aluno tenha êxito na aprendizagem, é necessário que esta lhe faça sentido. O professor ao preparar sua aula, deve escolher materiais suficientes para que o estudante tenha suporte para realizar as atividades que foram pedidas e neste contexto, Meirieu esclarece:

(...) O professor sabe disso quando prepara uma seqüência e tenta reunir os objetos capazes de fazer emergir, se forem selecionados em função de uma tarefa a cumprir, uma noção ou um conceito; experimenta, a cada vez, toda a importância da “dosagem” entre os documentos e as instruções: assim, por exemplo, o professor de história que quiser introduzir o aluno no conceito de “colonização” deverá selecionar relatos, testemunhos e análises, passar, em seguida, a um trabalho cuja realização importará o tratamento dos materiais e tornará possível, por aproximações e verificações sucessivas, a emergência do conceito (...) (MEIRIEU, 1998, p. 55).

A metodologia pedagógica utilizada deve partir de algo que os estudantes já conhecem ou ouviram falar, ou ainda por meio de um método indutivo, o qual o professor terá de fornecer material de apoio e suporte para que o aluno consiga chegar ao resultado almejado. Para os que tiverem dificuldades com esse método, deverá se propor outros meios de ajuda.

O professor poderá utilizar estratégias, metodologias que levem o estudante a aprender a dominar a indução, atividades que exijam dele o uso desse procedimento. Através de questionários diretivos que permitam ao aluno identificar os pontos fundamentais para sua compreensão, isolando o conceito, permitindo que este seja construído por meio do entendimento do aluno, dependendo é claro do assunto que está sendo trabalhado. Um painel ou síntese que explique tudo é um bom exemplo. (MEIRIEU, 1998).

É interessante como coloca o autor que o problema está em criar, para cada aluno, uma interação identificação/utilização. Todo esse aprendizado de estar associado ao grau de competência anterior relacionado com as novas informações oferecidas e que a partir disso, o aluno com o auxílio do professor passa a construir seu conhecimento e entendimento do assunto proposto. Sobre a questão de “conceito”, este deve ser construído pelos estudantes mediados pelo professor ao longo do processo ou da atividade exercida, como se exemplifica:

(...) Por outro lado, é evidente que a interação identificação/utilização pode ser geradora de significado em níveis de aprofundamento muito diferentes: isso é o que chamamos, às vezes, o “nível de formulação” de um conceito. Assim o conceito de respiração pode ser aprendido a partir de uma observação grosseira do aparelho pulmonar dos vertebrados, pode ser concebido como uma troca gasosa pela

observação de outros aparelhos respiratórios e da constatação de sua função comum, pode ser estudado em nível tecidual, em nível celular e, até mesmo, em nível dos mecanismos de óxido-redução... a cada etapa, os materiais a serem utilizados e as instruções a serem propostas serão mais complexos (...) (MEIRIEU, 1998, p. 55-56).

Essa forma de abordar o ensino irá valorizar o aluno e sua história, o que se passa com ele e com o mundo que o cerca, tornando o aprendizado deste mais relevante, um sujeito ativo, participativo da aprendizagem e não alguém que só recebe conhecimento e não o utiliza, como esclarece Meirieu:

(...) Muitas aprendizagens são assim estéreis, porque falta a elas essa colocação em situação; e repetição a que são submetidas não é quase eficaz se esta não estiver sustentada por um projeto. No dia do controle ou da avaliação, que se observe um aluno, por exemplo, cujos erros de ortografia são corrigidos obstinadamente e que ele identifica, aliás, perfeitamente, quando lhe são mostrados, mas que ele insiste em cometer, insiste em escrever sem preocupação com a ortografia, deixando a reflexão ortográfica para mais tarde, para uma miraculosa releitura, para o momento de recopiar: “Não faz mal, diz ele ao mestre que lhe mostra um erro em sua escrita, vou reler depois...” Alguns segundos de reflexão com ele permitem facilmente fazer uma constatação muito simples: o aluno pode, na verdade, perfeitamente admitir que um cantor que ensaiasse errado notas e argumentando que “diante do público prestará atenção” não teria muita chance de progredir (...) (MEIRIEU, 1998, p. 56).

Este procedimento pedagógico reflexivo permite que o próprio aluno reveja sua postura e sua forma de encarar o aprendizado, através de estratégias metodológicas usadas pelo professor para conscientizá-lo da importância que tal conhecimento fará para sua vida, pois o processo ortográfico da escrita, aqui exemplificado, será útil em sua produção textual.

Ao preparar suas aulas, o professor estabelece objetivos que devem ser alcançados, relacionados aos saberes a ser aprendidos pelos estudantes. É importante que cada educador faça uma análise desses objetivos propostos e dos conteúdos que serão trabalhados em sala de aula com o intuito de possibilitar meios didáticos e pedagógicos que facilitem mais o aprendizado dos educandos e que promova uma melhor qualidade do ensino. A preparação do professor apoiado num referencial teórico eficiente contribui para um trabalho mais proveitoso para o aluno e para o docente.

Certamente, os objetivos são indispensáveis para um bom planejamento, mas é necessário perceber que eles não devem ser utilizados apenas para cumprir um cronograma e sim auxiliar a prática. É claro que para desenvolvermos um bom trabalho, necessitamos de organização, estudo, determinação e competência. A pesquisa que fala sobre estratégias de aprendizagens bem elaboradas, nos ajuda a ter êxito na aplicação de atividades proposta. Estas reconhecidas por sua eficácia no ensino, conforme se ressalta:

(...) É preciso, é claro, mostrar-se satisfeito com isto, pois ela completa, de uma, forma muito oportuna, trabalhos antigos que procuravam mais destacar as invariâncias de aprendizagem e que, aprestando apenas um sujeito formal, ignoradas as especificidades individuais, propunham teorias atraentes, mas pouco compreensíveis para o prático. Pois este tem diante de si sujeitos particulares que dispõem de uma inteligência cuja estrutura final talvez seja a mesma, mas cujas modalidades de ação são diferentes. É claro que, há muito tempo, já se reconhecia a existência de diferenças, mas havia uma tendência para tratá-las em termos lineares e exclusivamente quantitativos, como se bastasse apenas posicionar cada um em uma escala graduada. (...) (MEIRIEU, 1998, p. 83).

Este estudo realizado das estratégias individuais de aprendizagem, citadas pelo autor, nos mostram que houve um avanço na maneira de pensar e analisar o ensino, pois levam em conta os trabalhos antigos e desenvolve ideias novas associadas com novos aprendizados, mostrando a importância de estratégias pedagógicas diferenciadas e que se adaptam às necessidades de aprendizagens dos sujeitos envolvidos, preocupa-se com a sensibilidade, com o desenvolvimento cognitivo, com as capacidades de cada um e com a qualidade da educação.

O processo de aprendizagem na inclusão deve levar em conta as mais variadas culturas existentes e que fazem parte do convívio social, familiar, etc. Considerar as diferenças e aprender com elas por meio de estratégias de ensino que as valorize e que mostrem aos educandos e aos outros, que todas as culturas são importantes na constituição de nossa sociedade, como é salientado:

A aprendizagem da cultura acaba por levar a uma determinada cultura da aprendizagem. As atividades de aprendizagem devem ser entendidas no contexto das demandas sociais que as geram. Além de, em diferentes culturas se aprendem coisas diferentes, as formas ou processos de aprendizagem culturalmente relevantes também variam. A relação entre o aprendiz e os materiais de aprendizagem está mediada por certas funções ou processos de aprendizagem, que se derivam da organização social dessas atividades e das metas impostas pelos instrutores. (POZO, 2002 apud ANACHE & MARTINEZ, 2007, p. 43).

Neste sentido, alunos com necessidades educacionais especiais merecem devida consideração e respeito, além de um processo pedagógico e metodológico que valorize o desenvolvimento de suas competências e habilidades, assim como as demais crianças e jovens estudantes, principalmente aquelas que apresentam deficiência mental e que muitas vezes são discriminadas e isoladas, esclarece-se:

A história registrada que a sociedade sempre teve dificuldades para lidar com as características advindas da condição de deficiência mental. Nossas experiências de pesquisa nos possibilitaram observar que, embora a educação formal seja um direito garantido oficialmente, as inquietações referentes à aprendizagem das pessoas que

apresentam deficiência mental ainda permanecem. Talvez uma das justificativas para tal situação seja decorrente de critérios preestabelecidos, como, por exemplo, os construídos pela própria definição, expressão do impacto que o modelo biomédico tem tido na psicologia. (ANACHE & MARTINEZ, 2007, p. 44).

Todos os sujeitos que apresentam deficiência mental necessitam de auxílio e ajuda do professor ou tutor para poder desenvolver suas potencialidades no que se refere ao aprendizado ofertado pela escola, seja por meio de metodologias ou estratégias de ensino utilizadas pela instituição e mais especificamente pelo professor para alcançar os resultados esperados no que diz respeito ao desenvolvimento emocional, psicológico e social de cada indivíduo, dentro das possibilidades reais que se apresentam, já que muitos demonstram limitações nas habilidades de comunicação, autocuidados, vida doméstica, habilidades acadêmicas, trabalho, lazer, saúde e segurança. (ANACHE & MARTINEZ, 2007).

3 CAMINHOS PERCORRIDOS PARA A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

O delineamento metodológico utilizado para a realização desta pesquisa foi o estudo de caso. Este é caracterizado pelo estudo profundo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado (GIL, 1999). Esse tipo de pesquisa vem sendo utilizada com frequência cada vez maior por pesquisadores sociais, com propósito de explorar situações da vida real cujos limites não são claramente definidos e para descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação.

Como instrumento e procedimento de busca foi utilizada análise de documentos da escola e entrevistas com informantes-chave, docentes da Escola Municipal de Ensino Fundamental (instituição investigada). A entrevista é a técnica de coleta de dados mais utilizada no âmbito das ciências sociais. É bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem ou desejam, bem como para explicações ou razões a respeito das coisas precedentes (GIL, 1999). Nesse instrumento de pesquisa – a entrevista – há uma interação entre o pesquisador e seus informantes, e não simplesmente um trabalho de coleta de dados. Ocorre uma relação na qual as informações dadas pelos sujeitos podem ser profundamente afetadas pela natureza desse encontro (MINAYO, 2008, p. 210).

Realizei entrevistas com cinco professores da instituição. As três primeiras entrevistadas (E.1, E.2, E.3), sendo a primeira (E.1) formada em pedagogia, a segunda (E.2) com formação na área de educação especial e a terceira (E.3) com formação pedagógica e experiência em supervisão escolar. (E.4) com formação pedagógica e psicopedagógica e (E.5), formação básica, magistério.

Utilizamos termo de consentimento para cada entrevistado e um questionário como base para início de conversa. O modelo de termo de consentimento encontra-se no anexo 1 e o questionário no anexo 2 deste trabalho.

Organizamos as entrevistas da seguinte maneira: (E.1) entrevistado nº1, (E.2) entrevistado nº2, (E.3) entrevistado nº3, (E.4) entrevistado nº4 e (E.5) entrevistado nº5. Informando os participantes de seus direitos, principalmente de não serem identificados.

Para interpretar os dados, foi empregada a análise de conteúdo que, para Minayo, (2008, p. 303) significa mais que um procedimento técnico: “faz parte de uma histórica busca teórica e prática no campo das investigações sociais”.

Os dados obtidos foram desdobrados em categorias, buscando compreender a

produção social do grupo profissional em questão. A descrição do estudo apoiou-se nos dados coletados por meio das entrevistas e na fundamentação teórica que permitiu trabalhar com diferentes realidades vivenciadas pelos informantes-chave participantes da pesquisa.

4 REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

Neste capítulo fiz uma reflexão sobre os dados qualitativos encontrados por meio das entrevistas e tracei 04 categorias: Inclusão na escola, Aprendizagem, Formação (aperfeiçoamentos) e relações dos professores entre si (ensino), Repasses de recursos à escola e a participação desta em eventos culturais.

4.1 Inclusão na escola

No processo de inclusão abordei questões básicas com o intuito de averiguar como a escola percebe e adere ao movimento social de direitos iguais a todos os indivíduos no cotidiano de suas atribuições. Para isso, realizei cinco entrevistas com cinco professores da instituição e cada um respondeu da seguinte forma o tema inclusão:

A inclusão em nossa escola é encarada como uma realidade que apesar de exigir dos professores um trabalho contínuo e individualizado é fundamental no exercício da cidadania. (E.1)

Partindo da premissa que todo o aluno tem direito assegurado na escola, encaramos normalmente essa realidade, não nos compete questionar e sim prever os recursos que possibilitem a interação e a participação efetivamente de todos indistintamente. (E.2)

Com diagnóstico das necessidades dos alunos, execução de projetos voltados para a inclusão e avaliação de todo processo. (E.3)

De forma positiva, porém com muitas dificuldades na prática pedagógica dos professores. (E.4)

Com dificuldades, pois às vezes foge a rotina, mas de uma forma bem otimista. (E.5)

Ao analisar as respostas dos docentes e observar o ambiente escolar, percebi que alguns professores compreendem o que é inclusão, no entanto, há educadores que apontam dificuldades de se trabalhar com alunos inclusos, principalmente aqueles que apresentam alguma deficiência ou dificuldade de aprendizagem. É notável pela resposta do entrevistado (E.4) que alguns professores não se sentem seguros, não estão preparados do ponto de vista pedagógico e prático para lidar com as diversidades em sala de aula.

Mas é preciso que todos nós busquemos estar preparados para lidar com a inclusão e de acordo com Mantoan (1998), existe uma lei (Constituição Federal, Capítulo III, art. 208) que ampara e exige que todas as instituições de ensino e seus profissionais estejam aptos para lidar com a inclusão, principalmente no ensino especializado que deve vigorar na rede regular desde a educação infantil até a universidade.

Ainda sobre esta questão da escola e seus profissionais estarem preparados para atender os mais variados alunos, outras respostas surgiram e é necessários atentar a elas.

A questão de estar ou não preparada é algo muito relativo, pois em determinado momento a escola pensa estar com tudo sob controle e que tem respostas para todas as situações, porém, trabalhamos com seres humanos, que assim como nós, professores, estão em constante processo de mudança. Acredito que nossa escola é muito flexível e busca adaptar-se a todas as individualidades de forma a valorizar as características positivas de cada indivíduo. (E.1)

Não cabe mais essa alternativa de estarmos ou não preparados. Nos cabe enquanto escola e profissionais, cumprir com o nosso dever que é estarmos atentos e celebrar quaisquer diferenças no que tange os alunos, sejam: classes sociais, raciais, religiosas, necessidades educativas especiais entre outras. Nosso papel é estarmos sempre buscando, alterando, adaptando, flexibilizando e especialmente respeitando as limitações e características de cada um. (E.2)

Pela escola estar inserida em uma comunidade que abriga as diversas classes sociais, raças, religiões e pessoas com necessidades especiais, está preparada para atender com planejamento e comprometimento de todos os profissionais. (E.3)

Sim, inclusive possui uma sala de recursos multifuncional, repleta de recursos pedagógicos e de acessibilidade, apenas os professores não foram bem orientados. (E.4)

Acredito que sim. (E.5)

Na resposta dos professores há um entendimento de que o papel da escola é cumprir com o dever de acolher a todos independentemente de suas condições físicas, psicológicas, sociais e familiares, buscar estar pronta para atender todas as diversidades existentes, primando pelo desenvolvimento pessoal, intelectual e afetivo dos indivíduos, entretanto, nota-se que ainda existe desafios a serem vencidos e que nem todos profissionais da instituição sente-se seguros no trabalho com alunos inclusos, principalmente no que se refere aos alunos portadores de necessidades educativas especiais. É preciso mais investimentos em metodologias e pedagogias de ensino, como lidar com esses alunos, apoio da comunidade e dos órgãos competentes.

A Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994) enfatiza a importância de todas as escolas e seus profissionais estarem aptos para receber e atender toda uma demanda de alunos, desde as séries iniciais até as finais e universidades, independentemente de condições físicas, intelectuais, sociais, linguísticas, crianças de rua, marginalizados, dentre outras.

Mesmo com algumas dificuldades no atendimento de alguns alunos inclusos, a escola procura receber e atender todos os estudantes matriculados na instituição. Para enfatizar melhor, perguntei como são tratados estes educandos e suas diferenças.

A questão das diferenças é vista como natural partindo do princípio de que cada indivíduo vem de uma realidade diferente, jamais teremos um aluno igual ao outro, tendo eles necessidades especiais ou não. (E.1)

Partindo da premissa que o homem não é igual a nenhum outro, não é igual a nada, todo o ser humano é um estranho ímpar, faz-se necessário concebemos como normal, natural, permitindo a cada um desenvolver um saber que valorize sua participação e contribuição na sociedade. (E.2)

Com respeito, compreendendo as necessidades e limitações de cada indivíduo. (E.3)

(E.4) Com respeito, mas ainda falta um trabalho efetivo de inclusão na escola como um todo. (E.4)

Sempre de forma igualitária. (E.5)

Analisei as respostas às questões, notei que os professores encaram como “normal ou natural” o tratamento que devemos ter com as outras pessoas, mais especificamente os alunos. Alguns professores responderam que estes estudantes devem ser tratados com respeito, mas ainda há, segundo um professor, que melhorar o entendimento e a compreensão sobre a importância da inclusão na escola.

É fundamental neste caso, que se realize um trabalho de conscientização oportunizando espaços de reflexão e valorização das diferenças e conforme Santos (1995) citado por Mantoan (1998), as diferenças não devem inferiorizar os indivíduos, é necessário que se saiba lidar com elas, nem tudo é igual ou diferente, mas temos que poder escolher quando a igualdade ou a diferença nos prejudica.

Neste mesmo foco, perguntei se a escola procurava harmonizar essas diferenças nas suas práticas educativas pedagógicas e obtive os seguintes resultados:

Com certeza, a escola busca valorizar as individualidades através de projetos, atividades diferenciadas que deixem claro que todos são bem vindos. (E.1)

Sim. Mobilizando os profissionais a desenvolver atividades prazerosas, eventos, passeios, projetos dos quais, todos se beneficiem e onde todos possam atuar efetivamente nesses espaços educativo e sentindo-se pertencente. (E.2)

Sim, todo o processo, seja de adaptação ou de desenvolvimento de habilidades são harmoniosos. (E.3)

Em parte, pois a equipe docente se sente perdida quanto ao trabalho de sala de aula, porém esta realidade vai mudar neste ano letivo. (E.4)

Sim. (E.5)

Novamente percebi que é preciso melhorar o processo de inclusão nesta escola. Alguns entrevistados falaram da importância de planejamentos e projetos inclusivos, mas em momento algum são apontados os projetos que a instituição tem ou participa nesta área, quais

os eventos que a escola participou ou promoveu, que passeios foram feitos e que benefícios estes trouxeram para os estudantes, questões que não foram bem esclarecidas.

Os outros entrevistados (E.3), por exemplo, responderam que pela adaptação ou desenvolvimento de habilidades dos alunos, já se constitui como harmonioso o ambiente, mas como e que atividades a escola costuma realizar em suas práticas pedagógicas para atingir esses resultados, algo que precisa-se pensar.

O entrevistado (E.4), afirma que nem todos os docentes conseguem relacionar essas diferenças com as práticas pedagógicas aplicadas em sala de aula e o entrevistado (E.5), apenas responde “sim”, sem complementação de como isso é feito.

Partindo dessa reflexão, pode-se dizer que a escola precisa rever não só a questão da inclusão como as práticas educativas que são desenvolvidas, para que se possa relacioná-las com as diversidades dos alunos, possibilitando trabalhá-las de forma pedagógicas em sala de aula e promovendo reflexões e aprendizados edificantes no contexto escolar. E de acordo com Mantoan (1998), devemos proporcionar um reconhecimento das diversas culturas, manifestações sociais, afetivas que possam moldar uma nova forma de pensar o papel da escola na sociedade, a ética, através de estratégias ou metodologias que promovam ações de conscientização das diferenças e realidades expostas.

Na sequência de nossa investigação, foi perguntado que benefícios a inclusão traria para educadores e educandos da escola:

Acredito que a inclusão beneficia a todos os envolvidos, porque a partir do momento que temos de conviver com diferentes pessoas, com diferentes características, aprendemos e ensinamos, trocando experiências e auxiliando uns aos outros na superação das dificuldades. (E.1)

Incontáveis benefícios, entre eles o de colaborar, compartilhar, respeitar os seres humanos em suas individualidades, conviver (que é uma benção para todos nós), trabalhar em conjunto, viver experiências diferentes, aprender a dividir, ser mais solidário, valorizar todos os seres, contribuir, e especialmente transformar velhos conceitos ultrapassados, e perceber que e com o outro, independente de suas diferenças que realmente aprendemos a ser mais justos. (E.2)

Quando a inclusão acontece de forma correta, todos ganham na escola, porque aprendemos uns com os outros a todo momento. (E.3)

Todos! Só existem fatores positivos nessa vivência diária, todos ganham muito. (E.4)

Quando a inclusão é de fato, só tem a trazer benefícios. (E.5)

Fica evidente que os entrevistados tem noção e concordam que o processo inclusivo traz imensos benefícios para alunos e professores. Oferece oportunidades e

experiências com as diferenças, diminui o preconceito e faz com que os indivíduos passem a valorizar mais os outros, suas qualidades, seu potencial, além de garantir o direito de todos a educação.

Aproveitando essa visão de inclusão, interroguei os professores sobre a relação dos alunos com necessidades educativas especiais com os demais estudantes.

A convivência é muito rica, podemos dizer com convicção que existe muito respeito entre os alunos, pois, conseguimos conscientizar a todos que ninguém é bom em tudo, todos nós temos dificuldades em alguma coisa e habilidade em outra até mesmos os alunos *ditos normais*. (E.1)

Normal. (E.2)

Uma boa convivência, uns aprendem com os outros. (E.3)

Tranquila, para os alunos é muito fácil que para os professores. Eles auxiliam sempre que possível. (E.4)

É muito boa, sempre com respeito. (E.5)

Ao observar as respostas dadas pelos docentes, entendi que a relação entre os alunos é excelente e que uns ajudam os outros, promovendo com isso interação e aprendizado de ambas as partes. Neste aspecto, seria interessante que a escola aproveitasse mais essa relação para desenvolver atividades pedagógicas que explorassem o potencial desses alunos, valorizando seus saberes, seus talentos, etc. A escola tem quatorze alunos inclusos, com baixa visão, deficiência intelectual, autista, dentre outros.

Outro aspecto importante que considere foi se durante as atividades na escola e em sala de aula, os professores adaptam estas para estudantes com necessidades educativas especiais.

Sim, são adaptadas, dependendo esta adaptação à necessidade de cada indivíduo. (E.1)

Nosso aluno existe, pensa, sente, tem uma limitação corporal, mental que pode afetar aspectos de comportamentos que lhes são peculiares, mas isso não é um impeditivo de nós professores criarmos condições e proporcionar um desenvolvimento via adaptações, referências, oportunidades educacionais assim para o exercício da cidadania, seja aluno com necessidades especiais ou não. Para nós professores todos os alunos são especiais. (E.2)

Sim, são adaptadas de acordo com as necessidades dos alunos contando com o apoio do atendimento educacional especializado. (E.3)

Deveriam ser, mas a maioria dos professores não fazem porque foram mal orientados e não sabem mesmo, outros porque não aceitam o processo. (E.4)

Nem sempre, falta um pouco de vontade e interesse por parte de alguns profissionais. (E.5)

Nas respostas dadas, notei que ainda há necessidade de serem ofertados cursos de formação continuada que englobe também processos inclusivos, aperfeiçoamentos para professores, dos quais alguns merecem nossas considerações pelos esforços desempenhados nas suas atribuições, necessitando serem mais valorizados pelos órgãos competentes, pela comunidade e pela sociedade por estarem lidando com situações que não estão preparados.

No decorrer de nossa pesquisa abordamos outras questões que consideramos serem fundamentais para a educação inclusiva. Perguntei se os currículos dos alunos especiais eram diferentes dos demais estudantes, obtendo os seguintes resultados:

O currículo busca contemplar os diferentes educandos que fazem parte do contexto escolar, adaptando sim a forma de trabalho com cada um. (E.1)

Não. São os mesmos, o que fazemos é adequar as atividades aos alunos e não os alunos as atividades. Torná-los significativos para que eles sejam participativos e que consigam dentro de suas limitações e possibilidades alcançar um desenvolvimento máximo de suas potencialidades. Com certeza é um grande desafio, e desafios devem permear sempre a educação inclusiva. (E.2)

O currículo é o mesmo, somente há adaptações dependendo das necessidades. (E.3)

Não, são apenas adequadas aos níveis de especificidades de cada aluno. (E.4)

Não. (E.5)

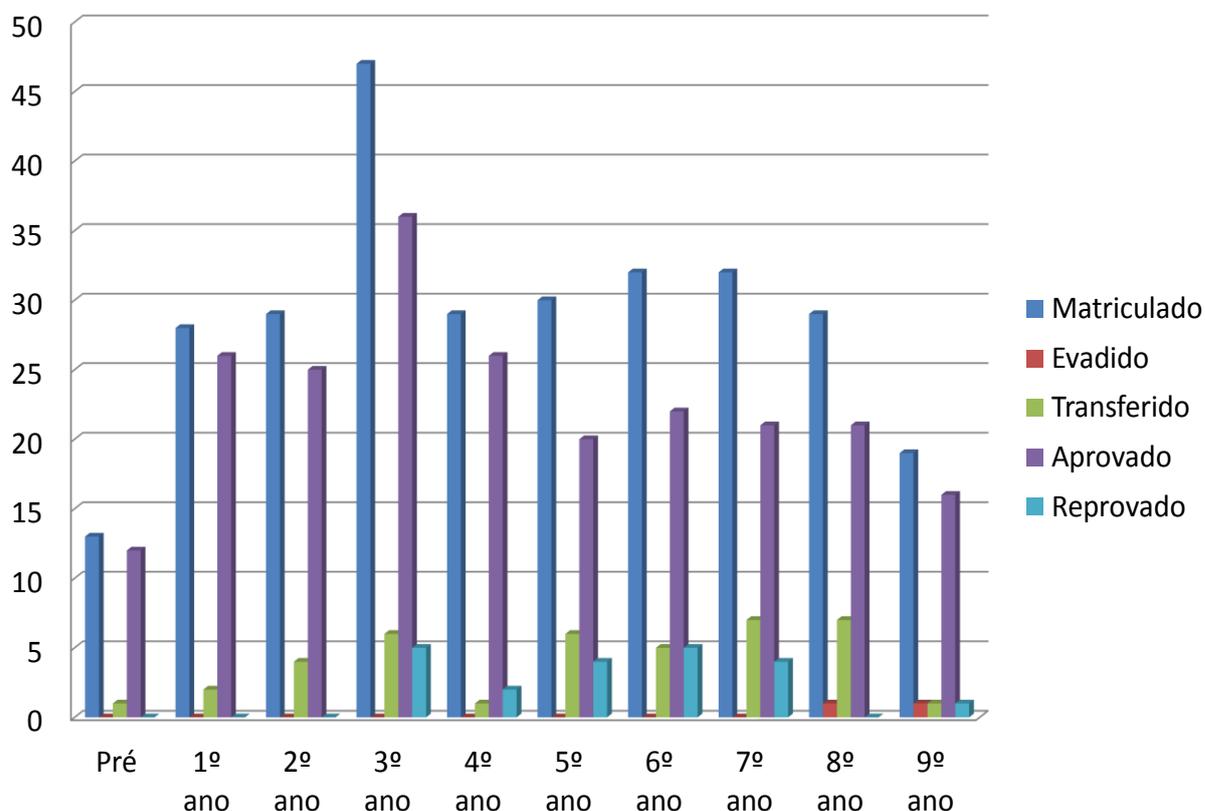
Nesta etapa de nossa investigação, ficou claro que os currículos não são diferentes e sim que atividades podem se diferenciar conforme as necessidades de cada estudante e todos os entrevistados concordaram com isso. Parafraseando Garrido Landivar (2002), são indispensáveis as modificações ou adaptações nos currículos escolares de educação básica para que se possa promover uma aprendizagem significativa e eficiente, possibilitando o desenvolvimento de competências e habilidades que dependerão da realidade apresentada para atingir os níveis esperados e abranger as diferenças em sala de aula.

4.2 Aprendizagem

Além dos dados qualitativos advindos das entrevistas, busquei me embasar em dados quantitativos, tendo como fonte documentos da Escola Municipal de Ensino Fundamental, instituição investigada.

O gráfico abaixo expressa os dados de alunos matriculados e dos resultados finais do ano de 2012.

Resultados finais/2012 Escola Municipal de Ensino Fundamental/Escola pesquisada



Fonte: Escola Municipal de Ensino Fundamental (Bagé).

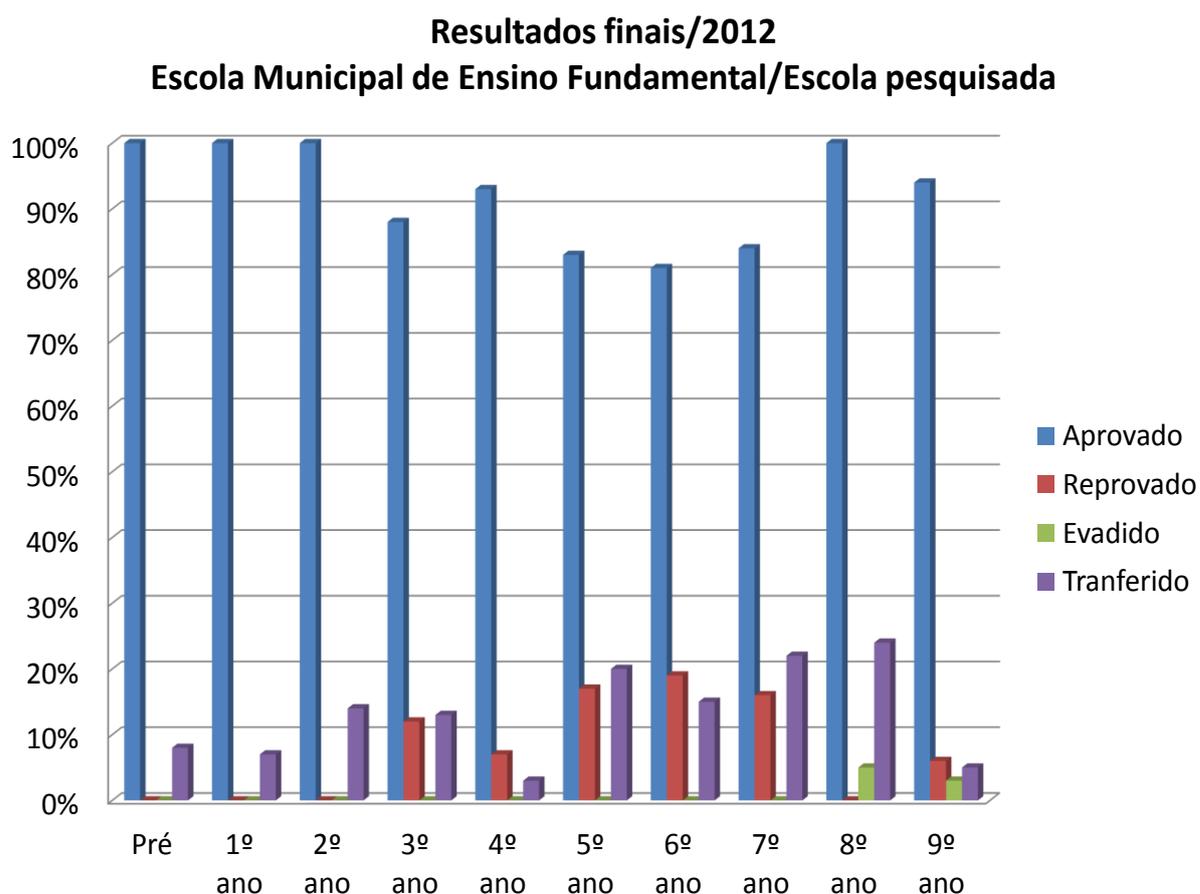
No gráfico, podemos observar que dos alunos matriculados no pré (13), foi transferido apenas (1). Do 1º ano, o número de matriculados condizia a (28) alunos, sendo (2) transferidos e restando (26) estudantes. Já no 2º ano, o número de matriculados era (29), houve a transferência de (4), restando apenas (25) alunos. É interessante ressaltar que do pré ao 2º ano todos os alunos foram aprovados, conforme as orientações atuais do Ministério da Educação que aconselha a todas as instituições de ensino evitar reprovações nas séries iniciais, mais especificamente do pré ao 2º ou 3º ano, ficando a critério das escolas a decisão e também dos municípios ou estados aderirem ou não as novas regras.

Matriculados no 3º ano (47) educandos, transferidos (6), restando (41) estudantes. Sendo (36) aprovados e (5) reprovados. O número de alunos matriculados no 5º ano era (30), (6) foram transferidos, (24) permaneceram e destes, (20) aprovados e (4) reprovados.

O 6º ano continha (32) alunos matriculados, (5) transferidos e permanecendo (27),

destes (22) aprovados e (5) reprovados. No 7º ano, o número de matriculados (32), sendo transferidos (7), permanecendo (25) e (21) aprovados, (4) reprovados. No penúltimo ano, 8º, (29) matriculados, evasão de (1) aluno e transferência de (7) estudantes, permaneceu (21) e destes todos aprovados. No último ano do ensino fundamental, 9º, matriculados (19), evasão de (1) aluno e mantendo-se (17), sendo (16) aprovados e apenas (1) reprovado.

O gráfico a seguir apresenta os resultados em números percentuais de totalidades:



Fonte: Escola Municipal de Ensino Fundamental (Bagé).

No pré 100% dos alunos aprovados, 8% transferidos. O 1º ano 100% aprovados, 7% transferidos e no 2º ano, 100% aprovados, 14% transferidos. O 3º ano obteve-se 88% de aprovação, 12% de reprovação e 13% foram transferidos. O 4º ano 93% aprovaram, 7% reprovaram e 3% transferidos. O índice de aprovação do 5º ano foi 83% e de reprovação 17%, 20% transferidos. O 6º ano teve 81% dos alunos aprovados, 19% reprovados e 15% transferidos. Já no 7º ano, os índices foram: 84% aprovados, 16% reprovados e 22% transferidos. No 8º ano, 100% aprovados, não houve reprovação, 5% de evasão e 24% de

transferências. O último ano, 9º, aprovados 94%, reprovados 6%, evasão 3% e transferências 5%. Totalizando em todas as turmas 91,4% de aprovações, 8% de reprovações, 0,6% de evasões e 13,8% de transferências.

Sobre a aprendizagem, procurei saber dos professores como eles lidam com a indisciplina, repetência e evasão escolar, já que esses fatores são imprescindíveis para uma educação eficiente e produtiva e que contemple a todos.

A indisciplina é vista de uma maneira muito particular, as regras são elaboradas em conjunto com os alunos, portanto, devem ser cumpridas, da mesma forma as sanções. A repetência é vista com muita seriedade, pois, durante todo o ano é oportunizado ao aluno recuperar as notas evitando assim a repetência. Quanto à evasão escolar, são tomadas diversas providências a fim de evitar que a mesma ocorra, dentre tantas podemos citar: conversa individual com o aluno, com a família, encaminhamento ao Conselho Tutelar e em casos extremos à Promotoria de Justiça. (E.1)

Indisciplina – estabelecer regras próprias com a participação dos alunos para que haja um bom convívio. Repetência – para o aluno, reverte na baixa estima e o mais preocupante é que o aluno repetente aprende menos, é um círculo vicioso, que somente uma escola preparada para lidar com o problema da dificuldade de aprendizagem pode romper. Evasão – uma coisa leva a outra (efeito cascata) os alunos ficam desmotivados e os problemas familiares afetam de forma grandiosa. Portanto essas temáticas, não são resolvidas de forma isolada, abrangendo só a escola, faz-se necessário uma aproximação maior entre a escola, a família e as esferas públicas, visando um trabalho integrado, possibilitando uma ressignificação das formas de intervenção. (E.2)

Quando uma escola tem o serviço de orientação educacional bem estruturado, onde consegue estabelecer de forma coerente as regras de convivência, os alunos e toda a comunidade passa a respeitar o espaço escolar como um local que verdadeiramente acontece o aprendizado, isso repercutindo de forma positiva, minimizando os efeitos maléficos da indisciplina, evasão e conseqüentemente a repetência. (E.3)

A equipe diretiva busca mudar essa realidade através do trabalho direto com a comunidade escolar com projetos sociais. (E.4)

Sempre tentando buscar esse aluno, motivando à mudança. (E.5)

Com relação a indisciplina, repetência e evasão escolar, percebe-se que a escola tem consciência de que são fatores que precisam ser levados a sério e que é necessário que a escola esteja atenta procurando desenvolver estratégias pedagógicas que evitem a evasão, melhore os índices de aprendizagem dos alunos e corrija a indisciplina.

É interessante mencionar que para combater a repetência, a evasão e proporcionar uma aprendizagem significativa para o aluno, a avaliação também deve fazer parte desse processo. Neste enfoque, não só os estudantes devem ser avaliados, mas materiais didáticos, docentes, supervisores e diretores. Todos se constituem como objeto de avaliação e como esclarece Hoffmann (2002), a avaliação deve possibilitar meios para alcançarmos um melhor

ensino aprendizagem.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB (1997:2) esclarece que é de responsabilidade da família e do Estado, proporcionar aos estudantes preparação, desenvolvimento, qualificação para o mercado de trabalho, etc. Portanto todos são responsáveis pelo desempenho educacional, social dos indivíduos, está na legislação brasileira e deve ser cumprido.

Ainda sobre a aprendizagem na escola, tentei saber dos educadores entrevistados como é realizada a seleção de conteúdos e atividades para um melhor aprendizado e desempenho dos educandos, os resultados foram os seguintes:

Existem formações ofertadas pela mantenedora, formações organizadas pela escola, reuniões de planejamento e conversas individualizadas para a adaptação de atividades e reorganização do plano de trabalho. (E.1)

Os básicos para um planejamento a contento, certamente é focado na aprendizagem, previsão dos objetivos, conteúdos, estratégias, os recursos utilizados e a avaliação, que contemplem a todos. É estar a característica do aluno, parcerias via reuniões pedagógicas, formações, jornadas, seminários, etc. Para elaborarmos o planejamento temos como base: a dedicação, o esforço, o conhecimento, permitindo adaptações e flexibilizações. (E.2)

O planejamento é realizado conforme o PPP (Projeto Político Pedagógico da escola), conteúdos necessários para cada nível e limitações, adequados de acordo com a necessidade especial de cada aluno. (E.3)

É feito em conjunto durante as reuniões de planejamento, envolvendo equipe diretiva, professores e AEE (Atendimento Educacional Especializado). (E.4)

Primeiramente conhecendo a realidade da turma à partir desse conhecimento montamos o planejamento. (E.5)

Nas respostas dos docentes, percebi que há preocupação com o planejamento de atividades que visem um melhor aproveitamento dos conteúdos e a formação dos estudantes. No entanto, não podemos negar que é imprescindível a preparação e estudos por parte do docente, pois o conhecimento que será construído no ambiente escolar dependerá também da dedicação de quem orienta ou instrui e parafraseando Severino e Pimenta e Anastasiou (2005), o profissional de educação deve ter amor pelo que faz, procurar estar sempre preparado através de conhecimentos, seja, pedagógicos, científicos. Ter sensibilidade para atuar, buscar formação e visão teórica, estar pronto para trabalhar em diferentes ambientes escolares e levar em conta a realidade dos alunos, refletir sobre sua prática docente, levando educandos a questionamentos de si próprio e do mundo que os cerca.

Partindo desse pressuposto, perguntei aos professores entrevistados se eles

procuravam trabalhar assuntos que levassem em conta a realidade vivenciada pelos alunos e as respostas foram:

Sim, existe uma preocupação em contextualizar o que é aprendido e dar significância para tudo o que é visto na escola. (E.1)

Certamente, procuramos buscar o vivenciamento de situações reais, induzir a reflexões, observações, fazer conexões com situações conhecidas, dando um significado para que haja realmente um aprendizado. (E.2)

Sim. (E.3)

Em parte, acredito que muitos ainda estejam ligados aos livros didáticos. (E.4)

Sim, não podemos nos alienar. (E.5)

A partir dessas respostas pude notar que alguns professores têm a percepção de que é importante contextualizar o ensino proposto pela escola com as vivências e realidades dos estudantes como aconselha os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), propor um ensino que seja construído partindo de um contexto de vivências dos educandos e que leve estes a uma compreensão do que é ser cidadão, participar das decisões da sociedade, das suas obrigações e direitos, transformando-os em sujeitos capazes, críticos e reflexivos.

O que deve ser evitado é um ensino preso a tradições e mecanicista, somente ao que os livros didáticos apresentam, sem que haja questionamentos como se aqueles aprendizados contidos ali não pudessem ser discutidos ou refutados. Sendo estes encarados como verdades absolutas e sem possibilidades de modificações. E nestes aspectos, muitas instituições de ensino precisam rever seus conceitos.

Não dá para negligenciar um fator essencial na formação e aprendizado dos estudantes, a participação dos pais. O acompanhamento dos pais no ensino dos filhos deve exercer um papel indispensável, por esse motivo perguntei aos nossos entrevistados se os pais costumavam acompanhar e participar da educação dos filhos.

A escola está em um processo de conquista, tendo no ano de 2012 um crescimento acentuado de pais e da comunidade dentro da escola. (E.1)

A participação dos pais na educação dos filhos é fundamental para que eles tenham um bom desempenho. Juntos é que fazemos a diferença. Por essa razão é que a escola está se articulando e conquistando cada vez mais a presença dos pais. (E.2)

Sim, há uma boa interação escola/família. (E.3)

Em parte, alguns auxiliam bastante, são presentes e dispostos. Outros atrasam um melhor desenvolvimento da criança por não aceitarem. (E.4)

Ainda lutamos muito para que os pais participem mais. (E.5)

Neste ponto, todos nós concordamos que é importante a presença e a participação dos pais na educação dos filhos. O convite para reuniões feitas juntamente com a comunidade escolar é um bom exemplo para atrair eles para um envolvimento maior com o aprendizado e com a formação dos filhos. De acordo com Szymanski (2001), a relação entre pais, escola e professores constitui-se como essencial para que se obtenha um melhor aproveitamento e aprendizado dos alunos, mas é preciso desenvolver bons vínculos entre as partes envolvidas e respeito mútuo entre ambas.

Entendo que, com a participação dos pais, de um trabalho que leve em conta os saberes e as realidades dos estudantes, da importância de projetos e planejamentos, metodologias adequadas, iremos alcançar uma educação inclusiva e de promoção humana. Partindo dessas concepções, perguntei aos entrevistados o que a escola entendia por um ensino eficaz e produtivo.

A escola entende por ensino produtivo tudo aquilo que é visto na instituição e tem utilidade na vida como um todo. Ensino produtivo é o ensino que oportunize ao indivíduo uma reflexão sobre seu contexto de maneira ampla, tornando-o capaz de avaliar, discernir, questionar e formular respostas para diferentes questionamentos e situações que venham a surgir na sua vida. (E.1)

Busca desenvolver a capacidade de produzir e compreender nas mais diversas situações (formais ou informais), busca auxiliar o aluno a expandir suas possibilidades. O ensino produtivo é o mais adequado para viabilizar o desenvolvimento de novas habilidades. (E.2)

É aquele onde os alunos estão integrados num processo de ensino e aprendizagem. (E.3)

Um ensino de qualidade que obtenha a todos os alunos de forma a abranger aprendizagens formais e não formais. (E.4)

Acredito que um ensino de qualidade. (E.5)

Verificando as respostas dos docentes, alguns ainda não compreendem muito bem o que seja um ensino produtivo e eficaz. Na verdade, o ensino produtivo é aquele que leva o aluno a construção de conhecimentos, uma aprendizagem que podemos dizer significativa, onde o professor é o mediador entre o conhecimento apresentado aos alunos e relacionado com o saber prévio do assunto abordado. Tornando esse estudante apto para refletir, construir suas aprendizagens (sujeito autônomo), participar das decisões da sociedade (cidadania) visando o uso prático no dia a dia de suas atribuições, conforme exemplificado por (AUSUBEL, 1982).

4.3 Formação e relações dos professores entre si (ensino)

Nesta etapa, fiz algumas verificações básicas de como é realizado o processo de formação dos professores da escola e como eles se relacionam, participam de projetos, discutem ideias sobre a aprendizagem dos alunos. Comecei perguntando em minha entrevista, se eles recebiam treinamentos em que períodos e por que órgãos ou instituições responsáveis e obtive:

Sim (como descrito anteriormente, formações ofertadas pela mantenedora, formações organizadas pela escola, reuniões para planejamento, conversas individuais, adaptação de atividades) durante todo o ano letivo, sendo no mínimo uma por bimestre e três no período de férias de inverno. (E.1)

Sim recebemos, nosso município é o que mais oferece cursos, jornadas, seminários para atualizar e qualificar o trabalho dos professores, sendo realizadas formações bimestrais na escola com palestrantes dos mais variados, gente renomada de fora e da cidade mesmo. (E.2)

As formações são oferecidas pela SMED (Secretaria Municipal de Educação) e também pela necessidade da escola, por profissionais habilitados nos assuntos abordados. (E.3)

Sim bimestralmente pela supervisão de escolas e semestralmente pelo AEE (Atendimento Educacional Especializado). (E.4)

Sim, na maioria das vezes pela SMED (Secretaria Municipal de Educação e Cultura) e pela escola também, em turno inverso. (E.5)

Analisando as respostas dadas pelos docentes, fica claro que eles recebem formação da escola e da Secretaria Municipal de Educação (SMED). Isso é um ponto positivo para que venhamos a atingir as metas esperadas, uma educação de qualidade, possibilitando que crianças e jovens desenvolvam suas habilidades, um comprometimento com o ensino aprendizagem ofertado pela instituição. A Lei de Diretrizes e Bases (LDB), diz que é vital para todo profissional de educação estar apto para desempenhar seu ofício, mas é preciso que haja qualificações desses profissionais e neste respeito os órgãos competentes devem prover tal formação e qualificação através de reuniões, treinamentos, formação continuada, etc.

Aproveitando esses fundamentos, perguntei aos entrevistados se havia interação deles entre si, materiais partilhados, projetos e planejamentos e os resultados foram:

Sim, inclusive os projetos são organizados de modo a contemplar a escola como um todo. (E.1)

Sim. Os gestores proporcionam momentos para os professores construírem novas

ideias, enfrentar desafios, buscar soluções, compartilhando materiais, projetos e planejamentos, contemplando a dos os envolvidos na escola. (E.2)
Há interação entre os professores porque a escola trabalha de acordo com a metodologia de projetos de forma interdisciplinar. (E.3)
Deveriam, mas acontece pouco. (E.4)
Nem sempre. (E.5)

Ao observar as respostas dos professores, percebi que há contradições. Três professores afirmam que há partilha de materiais, interação entre eles, mas dois profissionais dizem que isso não ocorre e se acontece, é raramente.

Sabemos que a relação entre os docentes é importante para que se promova um ambiente favorável ao ensino, e harmonioso. De acordo com Branco e Mettel (1995), a boa relação entre os docentes contribuem para uma negociação harmoniosa e eficiente dos objetivos propostos, levando a uma convergência que implica cooperação e interação entre os envolvidos no processo, já na divergência estes objetivos são inconciliáveis, o que não produz um bom resultado para a educação.

4.4 Repasses de recursos à escola e a participação desta em eventos culturais

Para que se desenvolvam bons projetos e trabalhos na educação, outro fator deve ser considerado, os recursos financeiros. Pensando nisso e sabendo da sua importância, perguntei aos professores como eram distribuídos os recursos na escola.

O recurso direcionado à inclusão é o Programa Dinheiro Direto na escola (PDDE) Acessibilidade, verba destinada à melhoria das condições do Atendimento Educacional Especializado, como aquisição de materiais necessários para um melhor desenvolvimento do trabalho. (E.1)
Os recursos são inúmeros, vindos de programas do governo federal, destinados às escolas com a finalidade de favorecer a igualdade de condições de acesso e permanência dos alunos. (E.2)
Através do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação) são instaladas salas de recursos. (E.3)
Os recursos destinados ao AEE (Atendimento Educacional Especializado) permanece na sala de recursos, mas podem ser utilizados pelos demais professores quando houver necessidade. (E.4) Não sei informar. (E.5)

As verbas recebidas do governo federal (FNDE) e municipal pela Secretaria de Educação (SMED) são indispensáveis para que se invista em salas de recursos, materiais

escolares, dentre outros. Todos os educadores entrevistados concordaram que os recursos são fundamentais para o planejamento e execução de uma educação de qualidade e de promoção humana que visa um melhor aprendizado de todos os estudantes.

A partir disso, entendi que os recursos são repassados e que a gestão escolar se responsabiliza na aplicação e utilização destes, conforme as necessidades administrativas, educacionais e legais da escola.

Sobre a questão de eventos, perguntei aos entrevistados se a instituição participava ou não, pois sabemos que eventos culturais, esportivos também colaboram para um bom aprendizado e fazem parte da educação, da interação dos indivíduos, do lazer, etc.

Participa de palestras, projetos, atividades esportivas, entre outras. (E.1)

Certamente, participa de inúmeros eventos proporcionados pela Secretaria Municipal de Educação (SMED) e pela própria escola, por outras instituições voltadas para a educação, lazer, esportes, artes, dentre outras. (E.2)

Participa de eventos promovidos pela SMED, como cursos, seminários, festivais, etc. (E.3)

Sim, principalmente ou promovidos pela SMED e campanhas gerais da cidade. (E.4)

Às vezes, os promovidos pela SMED. (E.5)

Como já mencionei anteriormente, a participação da escola, dos alunos em eventos culturais, festivais, teatros, cinema, eventos esportivos, artes, dentre outros. Contribuem para uma boa formação dos indivíduos. O fato de a escola promover eventos também é importante para os alunos e comunidade. Convidar a família, os pais para participar da escola, momentos de interação, buscando o apoio e a colaboração de todos é indispensável para conquistarmos o ensino que almejamos e Gaddoti (2001), exemplifica dizendo que é preciso formar cidadãos conscientes de seus direitos, lazer e deveres, isto é democracia, uma escola cidadã, preocupada e comprometida com a transformação da sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa possibilitou-me verificar como se encontra a educação, a aprendizagem e a inclusão em uma escola pública de nosso município. O embasamento teórico contribuiu para que pudesse realizar uma análise do sistema educacional da escola. O processo de aprendizagem dos alunos e os aspectos inclusivos que são fundamentais para uma promoção humana que dê direitos iguais a todos os indivíduos e que prima pela formação de sujeitos capazes, críticos, reflexivos e participativos das decisões da sociedade, pois isto significa cidadania.

A colaboração dos docentes entrevistados em responder minhas perguntas sobre educação, aprendizagem e inclusão na escola, contribuiu muito para que alcançasse os resultados esperados em minha análise e pesquisa dos dados coletados. Sendo que todos nós estamos preocupados com a realidade brasileira no que diz respeito a qualidade da educação, pois fomos apontados por pesquisas da Unesco ocupando o 88º lugar no ranking da educação entre 127 países. O que queremos é melhorias e um ensino público gratuito de qualidade e significativo para nossas crianças e jovens. Temos consciência que a única forma de acabarmos com as injustiças sociais, com o preconceito é através da educação.

Ao analisar os dados dos documentos da escola como o Projeto Político Pedagógico que está sendo reavaliado pela equipe da Secretaria Municipal de Educação (SMED), notei que a instituição tinha como meta uma educação cidadã, valorizando as práticas de inclusão, não só dos alunos com necessidades educativas especiais, mas de todos os demais estudantes. Prevendo a obtenção dos mais variados recursos, acompanhamentos dos alunos especiais, tutores, etc. sendo que este último, os tutores, já não se encontram mais na escola, o que não é benéfico para a aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes.

É necessário que alunos com necessidades educacionais especiais sejam acompanhados por tutores, professores da educação especial, intérpretes para alunos surdos, se for o caso, dentre outros. São fatores indispensáveis e que dizem respeito ao desenvolvimento e aprendizagem dos educandos. É fundamental que a escola preste mais atenção nestes aspectos.

Sobre os dados de aprovação, repetência e evasão, percebi que há certo empenho por parte dos docentes de evitar a repetência e manter uma aprendizagem satisfatória. A questão da evasão é um problema sério e que a escola procura solucionar através de conversas particulares com alunos, pais ou responsáveis e com isso vem obtendo bons resultados,

reduzindo os índices de abandono escolar. Estes são pontos positivos que a instituição apresenta.

Nas entrevistas com os docentes evidenciei que nem todos estão preparados para lidar com alunos inclusos ou com o processo de inclusão, especialmente aqueles que apresentam algum tipo de deficiência e neste sentido, enfatizo que nos cursos de formação e aperfeiçoamento promovidos pela Secretaria Municipal de Educação e pela própria escola, se invista mais no preparo dos professores para o trabalho com esses alunos.

A aprendizagem é outro aspecto que deve ser aprimorado na escola. É necessário prestar mais atenção às vivências e realidades dos estudantes. Não adianta apenas apontarmos esses detalhes e não fazermos nada para mudar esta situação. Se ficarmos presos a um ensino tradicional e somente ao que ensina os livros didáticos, nossa educação nunca irá transcender. Para tornar o ensino significativo é necessário inovar e que o educador deixe de ser apenas um transmissor que detém conhecimento. É preciso construir esse conhecimento com seus alunos no dia a dia, sendo um mediador e levando os estudantes a formular ou a chegar aos conceitos que pretende ensinar. Para atingir esses objetivos é essencial planejamento prévio dos conteúdos que serão abordados.

Nestes casos, também se incentiva aos professores que procurem desenvolver um bom relacionamento entre si, interajam uns com os outros, trocando ideias sobre planejamentos e projetos que pretendem executar envolvendo outras disciplinas (interdisciplinaridade), desde que isso contribua para um melhor aproveitamento e aprendizagem significativa dos educandos.

Infelizmente no meu entendimento, sou obrigado a concluir a pesquisa, admitindo que a escola precisa melhorar mais sua educação, principalmente no que se refere a uma aprendizagem significativa. Compreendi que a instituição ainda está presa a um ensino tradicional e mecanicista.

No que se refere ao processo de inclusão, como já tinha comentado anteriormente, é necessário investimentos em cursos de capacitação e aperfeiçoamentos de professores, desenvolvimentos de pedagogias de ensino e metodologias que possibilite de fato uma promoção humana por meio da aprendizagem significativa.

Enfim, o que todos nós desejamos e devemos lutar é por um ensino de qualidade e com liberdade de expressão, igualdade de oportunidades para todos os indivíduos, livres escolhas e sem opressão.

6 REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **A escola com que sempre sonhei sem pensar que pudesse existir**. 5 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

ANACHE, Alexandra Ayach. MARTINEZ, Albertina Mitjáns. O sujeito com deficiência mental: processos de aprendizagem na perspectiva histórico-cultural. In: JESUS, Denise Meyrelles et al. (org.). **Inclusão: práticas pedagógicas e trajetórias de pesquisa**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

AUSUBEL, D. P. **A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo: Moraes, 1982.

BASTOS A. R. B. Os saberes da escola e dos professores como constituidores das boas práticas em inclusão escolar. In: HAMMES, Lucio Jorge; SELAU, Bento. (org.). **Educação, como Estás? Debates na trama de temas emergentes**. Lajeado: Univates, 2011, v. 1, p. 11-34.

BRANCO, A. U. & METTEL, T. P. L. (1995). Canalização cultural das interações criança-criança na pré-escola. *Psicologia: Teoria e pesquisa*, 11 (I) 13-22.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: 1997.

CARNEIRO, Moacir Alves. **O acesso de alunos com Deficiência às Escolas e Classes Comuns: Possibilidades e Limitações**. RJ: Vozes, 2007.

CARVALHO, Anna Cristina Barbosa Dias de. PORTO, Arthur José Vieira. BELHOT, Renato Vairo. **Aprendizagem Significativa no ensino de Engenharia**. *Revista PRODUÇÃO*, v. 11 n. 1, Novembro de 2001.

CASTRO, Amelia Domingues de. O Ensino: Objeto da Didática. In: CASTRO, A. D. de; CARVALHO, A. M. P. de (orgs.). **Ensinar a Ensinar**. Didática para a Escola Fundamental e Média. Rev. Janice Yunes. SP: Pioneira Thomson Learning, 2001. Cap. 1, p. 10-31.

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro Sextane, 2003.

Da reflexão na essência da ação a uma prática reflexiva. 2002. Philippe Perrenoud. In: **A prática reflexiva no ofício do professor: profissionalização e razão pedagógica**. Editora Artimed.

UNESCO. DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. **Necessidades Educativas Especiais – NEE** In: Conferência Mundial sobre NEE: Acesso em: Qualidade; Salamanca/Espanha: UNESCO, 1994.

DELORS, J. (Org.). Educação, um tesouro a descobrir: Relatório da UNESCO da Comissão Internacional Sobre Educação para o Século XXI. São Paulo: Cortez: Brasília, DF: MEC, UNESCO, 2006.

DEMO, Pedro. **Grandes Pensadores em educação: O desafio da aprendizagem da formação e da avaliação.** Porto Alegre: Mediação, 2001.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade.** 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos.** 6ª reimpressão. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia: Diálogo e conflito;** Moacir Gadotti; Paulo Freire e Sérgio Guimarães. São Paulo: Cortez – Autores associados 1985.

GADOTTI, Moacir. **Dimensão política do projeto pedagógico.** SEED/ MG. 2001.

GARRIDO LANDIVAR, J. et. Al. **Adaptaciones curriculares:** guia para los profesores tutores de educación primaria y de educación especial. Madrid: Editorial CEPES, S. L., 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1999.

HOFFMANN, J. **Avaliar para Promover.** 2 ed. Porto Alegre: Mediação. 2002.

JUSTINO, Marinice Nadal. **Pesquisa e recursos didáticos na formação e práticas docentes.** Curitiba: Ibpex, 2011 série Pesquisa e Prática profissional em Pedagogia.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, (Coleção magistério Série Formação do professor), 2008. Contribuição: Marisa Viana Pereira - QI - Referências.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da educação.** São Paulo, Cortez editora, 1994.

MANTOAN, Maria Tereza. **Inclusão escolar: o que é? Por que? Como fazer?** São Paulo, Moderna, 1998.

MEIRIEU, Philippe. **Aprender... Sim, mas Como?** 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MINAYO, Maria Cecília Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Tradução: Catarina Eleonora

F. da Silva e Jeanne Sawaya. 3. Ed. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2000.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos, Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PENIN, Sonia Teresinha de Sousa. Didática e Cultura: O ensino Comprometido com o Social e a Contemporaneidade. In: CASTRO, A. D. de; CARVALHO, A. M. P. de (orgs.). Ensinar a Ensinar. Didática para a Escola Fundamental e Média. Rev. Janice Yunes. SP: Pioneira Tomson Learning, 2001. Cap. 2, p. 32-51.

PIMENTA, S. G. ; ANASTASIOU, L. G. C. **Docência no ensino superior**. 2ª ed. SP: Cortez, 2005.

PINHO, Angela. **Brasil fica no 88º lugar em ranking de educação da Unesco**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/saber/882676-brasil-fica-no-88-lugar-em-ranking-de-educacao-da-unesco.shtml>. Acesso em: 22 de março de 2013.

SANTOS, J.C. F. dos. **Aprendizagem significativa**: modalidades de aprendizagem e o papel do professor. Porto Alegre: Mediação, 2008.

SCHÖN, D. A. **La formación de profesionales reflexivos**. Hacia un nuevo diseño de la enseñanza y el aprendizaje en las profesiones, Barcelona: Ed. Paidós, 1992.

SZYMANSKI, Heloisa. **A relação família/escola: desafios e perspectivas**. Brasília: Plano, 2001.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. 2ª ed. Brasileira. São Paulo, Martins Fontes, 1988.

7 ANEXOS

Anexo 1- Modelo de termo de consentimento utilizado.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, RG _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo como informante. Fui informado e esclarecido pelo pesquisador sobre a mesma, os procedimentos nela envolvidos, os direitos de receber qualquer outro esclarecimento sobre a pesquisa, de retirar o consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo e de não ser identificado, além de ser mantido o caráter confidencial das informações relacionadas à privacidade, se não emitir expressa autorização em contrário. Declaro, ainda, que fui informado do endereço e formas de contato com o pesquisador e orientador, caso desejar esclarecer qualquer dúvida.

Assinatura do participante

Nome do participante: _____

Data de recebimento: ____/____/____

Assinatura do pesquisador

Anexo 2- Questionário.

Entrevista

- 1- Como a escola encara a inclusão no dia a dia de suas atribuições?
- 2- A escola se sente preparada para atender os mais diversos estudantes das mais variadas classes sociais, raças, religiões e alunos especiais?
- 3- Como são tratados os estudantes e suas diferenças?
- 4- A escola procura harmonizar essas diferenças em suas práticas educativas pedagógicas?
- 5- Que benefícios o processo de inclusão oferece para estudantes e professores?
- 6- Como é a convivência entre os alunos “ditos normais” e especiais?
- 7- Como a escola lida com a indisciplina, repetência e evasão escolar?
- 8- Como é feita a seleção e planejamento de atividades para um melhor aprendizado de todos?
- 9- Os professores procuram trabalhar assuntos que levem em conta a realidade vivenciada pelos alunos?
- 10- Os professores recebem formação em que períodos e por quem?
- 11- Quantos alunos inclusos a escola tem?
- 12- Os professores entendem a importância do processo de inclusão e procuram aderir ao movimento?
- 13- Como são distribuídos os recursos?
- 14- Os pais acompanham e participam da educação dos filhos?
- 15- Nas aulas, as atividades são adaptadas para alunos com necessidades educativas especiais? Como se dá esse processo de inclusão?
- 16- Os currículos de alunos com necessidades especiais são diferentes dos demais estudantes?
- 17- Os professores interagem uns com os outros compartilhando materiais, projetos e planejamentos?
- 18- A escola participa de eventos? Quais?
- 19- O que a escola entende por um ensino produtivo e eficaz?